

Diário de Lisboa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da **RENASÇENÇA GRAFICA**
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 118

UMA das preocupações do sr. Cunha Leal, agora que procura constituir ministerio, é entregar a pasta das Finanças a uma competencia que disperte a maior confiança nos meios financeiros. Se a situação anormalissima que atravessamos lhe permitisse abandonar a pasta do Interior a qualquer dos seus colaboradores, de certo sobraçaria a das Finanças que, atenta a grave situação do Estado, requere quem saiba ver com nitidez os problemas que tanto nos affligem.

NO banquete ao illustre pintor João Vaz que ontem se realizou houve dois brindes futuristas—um de Almada Negreiros e outro do dr. Raul Leal. João Vaz promete fazer sobre eles duas soberbas marinhas—o que será uma maneira gentil de ser futurista em relação ao mar.

ALGUMAS das nossas legações continuam á espera de ministro. Os pretendentes, que são muitos, embaraçam-se uns aos outros. Esta situação, caso se prolongue, ainda nos pode trazer alguns amargos de bôca. Pois isso não impede o aparecimento de novos ambiciosos. Já se fala em trazer do Oriente o sr. Boto Machado, que, como diplomata, ainda não chegou a ser conhecido. As suas qualidades são muitas e as gentes exóticas que vem conhecendo.

NO teatro lirico de Milão deve representar-se brevemente a peça de M. Antonelli — *A ilha dos Macacos*. Entre os figurantes, ha dois homens, uma mulher e uns trinta actores disfarçados em macacos.

UMA liga anti-alcoolica dos Estados-Unidos espalhou um manifesto, na cidade de Brooklyn, que termina com estas palavras:

«O uso das bebidas alcoolicas prejudica a saude do corpo e a alegria da alma.»

Se isto fôsse verdade, os países vinícolas estariam inteiramente enfermos. Não acontece assim, porque nenhuns há mais agradáveis e tranquilos. O que se devia ensinar era a arte classica de beber vinho. Os americanos ignoram-na; por isso tomaram por um vicio o que não passa dum presente dos deuses.

A RUSSIA dos soviets decretou uma larga redução nos salarios dos operarios. Estes resignam-se, porque a resignação é a maior virtude da alma russa. Não lhes resta mesmo a liberdade de fazerem comicios. Só no sofrimento encontram um vasto campo para protestarem.

A CASA da Moeda remete no paquete *Portugal*, consignada ao Alto Comissario em Angola, a importancia de 655.000\$00 em cédulas e moedas.

AS comissões de technicos — engenheiros, architectos e construtores — que cuidam da organização da nova matriz predial urbana, apesar de serem pagas como qualquer carpinteiro ou pedreiro, só no dia 4 do corrente mês lhes foram liquidados os seus vencimentos de Setembro.

As paixões políticas

Tudo deixa prevêr que não ficará ainda hoje solucionada a crise aberta pela queda do ministerio Maia Pinto. Os acontecimentos politicos continuam á mercê do acaso, seguindo uma trajetória que não se sabe ainda onde irá ter o seu fim. No meio da confusão que se está esboçando, de que podem resultar horas amargas para a vida da Republica, ha ainda pessoas que não tiveram o patriotismo e o bom senso de pôr de lado as suas paixões politicas, para só pensarem no interesse mais alto — que é o interesse da Patria.

A vida portuguesa gira hoje em volta dum equivoco. Ha que desfazer esse equivoco, se quizermos dar um passo no caminho das realizações praticas. O país não pode continuar ao sabor de certos *patriotismos acendrados*, que para darem logar aos seus appetites saltam a esgrimir contra moinhos de vento, que não passam de perigos imaginarios que a sua fantasia architectou.

Onde está a isenção dos homens que vêem o perigo aproximar-se, o verdadeiro perigo, e não sabem ou não querem reífrear as suas paixões e não sabem ou não querem pôr o interesse da Patria acima do seu proprio interesse?

Portugal está atravessando, mais do que uma crise de caracter, uma crise de patriotismo — de verdadeiro patriotismo. Todos querem á uma salvar a Patria e não têm olhos para ver que a sua intransigencia só corre para a perder ainda mais.

Pululam os baixos interesses, aqueles que falam mais ao estomago do que á intelligencia. Dos *bas-fonds* da politica, sobem até ás camadas, onde o ar é mais puro e a luz mais clara, gazes que tornam a atmosfera irrespiravel para quem já de si tem os pulmões fracos. Não se divisa um clarão que illumine esta noite em que vivemos. Não se adivinha uma lufada de ar puro que venha trazer novo alento á vida portuguesa.

As esperanças morrem, ainda antes de entrar no abraço daqueles que só pensam na salvação da Patria. A hora não é a mais propria para o embate de paixões, que só pode acarretar um perigo maior e maiores dificuldades á solução da crise.

E' necessario reflectir antes de dar um passo mal dado. Reflexão e bom senso são qualidades indispensaveis a quem dirige povos.

X.

O indigitado chefe do governo



Cunha Leal

EM cartazes pelas paredes, lê-se «Um Escandalo», em letras gordas, aludindo ao caso das Belas Artes e convidando o publico para o comicio. Julgamos prudente fazer ao publico uma prevenção: não se trata na da de escandalo. Trata-se de uma simples divergencia de pontos de vista e nem sequer artisticos. Preferiríamos ver as questões, entre artistas circunscritas ao seu meio e sem a especulação de palavras, tão ajustada aos politicos e por isso mesmo incompativel com a beleza do pensamento e a graça do espirito realizado.

O JORNAL de Madrid *El Dia* occupa-se dos rumores duma possível intervenção da Espanha nos negocios de Portugal. Combate-a, sem rodeios. A proposito, formula a seguinte pergunta, que transcrevemos, na lingua original:

«Quando aqui va tomando cuerpo la idea del abandono de Marruecos, y nadie siente el rubor y la verguenza de que no tuviera que ofrecer al mundo una prueba tan manifesta de impotencia y debilidad, podriamos meternos en casa ajena como arregladores y ordenadores de un desbarajuste gubernativo y administrativo, del que quizás nosotros mismos no andamos muy lejos?»

TRANSCREVEMOS de nosso colega *Amã* a seguinte nota, referente aos quatro senhores que vão a Londres, á razão de 22 contos por mês, proceder á liquidação do produto da carga de dois vapores ex-alemaes, apresados na India, na importancia de 55 mil libras:

«Como é natural que esta missão suscite comentarios, bom seria que, em nota officiosa, o governo, apesar de demissionario, explicasse as razões de tantos nomeados á razão de 22 contos mensais—não podendo, por exemplo, nenhum dos nossos funcionarios em Londres desempenhar qualquer função que tornasse a despesa mais razoavel...»

O DIARIO de Lisboa publica hoje:

Na 2.ª página: Crónica financeira, Magazine e Mundanismo.

Na 3.ª página: Entrevista com a senhora condessa de Ficalho, por Artur Portela.

Na 4.ª e 5.ª páginas: Entrevista com o colonial sr. Antonio Pinto Teixeira sobre a colonização dos planaltos de Benguela.

Na 6.ª página: Duvida do tempo ingénuo, versos de Norberto de Araujo.

Na 7.ª página: Uma carta inédita do grande tribuno José Estevão com uma nota de seu lho, o sr. conselheiro Luis de Magalhães.

Na 8.ª página: Entrevista com o sr. Carvalho Azevedo sobre o Brasil e Portugal e os dois discursos futuristas pronunciados ontem no banquete a João Vaz.

Na 9.ª página: Uma reunião comprometida ou como se fabrica um ministério; Um curioso edital do Intendente Pina Manique.

Na 10.ª página: Versos de Maria de Carvalho, João de Barros, Cardoso Marta e Alves Pereira.

Na 11.ª página: Uma viagem pelos cafés de Lisboa, por L. Consiglieri Sá Pereira.

Nas 12.ª e 13.ª páginas: Artistas e escritores—Perfis de Titus e croquis de Almada, Bernardo Marques, Amarelhe e Guerreiro.

Na 14.ª página: Provincias.

Na 15.ª página: Larga reportagem do estrangeiro.

Na 16.ª página: Informação politica e noticiário.

Magazine

Duas exposições russas

Tudo que se tem dito sobre a miséria russa é pouco. Neste pequeno eco vamos dar a nota dos produtos alimentares de uma exposição de Petrogrado e de outra de Moscow.

Em Petrogrado, nas vitrines do museu da Sociedade dos Amigos das Ciências Naturais, vêem-se varios substitutos de pão empregados no Dural: pão de palha, pão de argila, pão da vasa das marés. Além destas variedades de pão, vêem-se lá armolas, rebentos de betulas, bolos de arbustos, de raízes e ervas...

A segunda exposição, de Moscow, está nos antigos armazens de Mur e Méreles. Os alimentos desta são resíduos do linho, casca de ulmeiro, cebola selvagem, crepes de bolotas desfeitas, raízes de campainhas, brioches de folhas secas com farinhas de ortiga, de casca de carvalho, de azedas bravas, de serradura de tilia...

Que desgraça imensa a daqueles desgraçados! E estes são os alimentos que se põem em exposições!

O perigo da cinematografia

Marios processos têm sido instaurados em França pelos artistas de cinematografia, que vão perdendo a vista. Dois deles já ganharam o processo.

Está provado que a cegueira é inevitável para os artistas de cinematografia que trabalham nas condições dos artistas franceses.

As fitas são filmadas numa luz intensíssima, sob os fechos electricos cruzados de varios projectores, cuja força chega a ser de 1.200 ampères. Esta luz já pela sua intensidade de deslumbra até a cegueira, mas o perigo é ainda aumentado pela sua constituição: entram radiações ultra-violetas, cuja acção perniciososa sobre a vista está hoje plenamente demonstrada.

São apontados varios artistas celebres cuja retina está já gravemente atingida. Os instauradores do processo basearam-se em que na America são usadas lampadas de vidro de chumbo que anulam os efeitos da quantidade de luz e raios ultra-violeta, o que não acontece em França. Essas lampadas custam caras na America, mas actualmente podiam comprá-las na Austria com vantagem. Ha quem pugne por tornar obrigatoria esta medida.



OS QUE TOMAM IODONAL

NÃO COMEM, DEVORAM!

TÔNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS

Superior ao óleo de bacalhau e emulsões INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MAGEDO, ETC.

FARMÁCIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

SAPATARIA GARRETT

SEMPRE A ÚLTIMA MODA
Tel. 6-5181
94, RUA GARRETT, 94

O DIÁRIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias

CRONICA FINANCEIRA

A circulação fiduciaria e as contas publicas

O ultimo projecto de orçamento do Estado e a ultima gerencia do sr. Cunha Leal

Seja-nos permitido, antes de entrar na matéria, fazer aqui uma declaração prévia: há duas coisas, dois defeitos que nós não temos, que nunca fizemos nem faremos:—jogar, nem mesmo na lotaria espanhola do Natal e rectificar as gralhas dos tipógrafos.

Podem os tipógrafos, de górra com a revisão, fazer-me escrever o que quizerem, venha daí o compromisso que vier, que nós não emendamos. Apenas nos limitamos, de quando em quando, a declarar ao leitor: olhe que nós não escrevemos aquelas tolices.

E' o que fazemos hoje, em relação á nossa crónica financeira de sábado fluído, que foi decerto atirada para a página, sem sequer um misericordioso olhar da revisão; tão crús são os erros, que a inçam.

Embora não tenhamos a honra de receber da direcção do Banco de Portugal os seus balancetes, decerto porque naquele Olimpo de ouro se não lobriga o *Diário de Lisboa*, vamos transcrever o referente ás ultimas semanas:

Situação semanal n.º 46

Em 16 de Novembro de 1921:

Caixa:	
Ouro	8.577.180\$41
Prata	17.696.021\$25
Niquel	3.003\$00
Cobre	1.288.311\$74
Total	27.564.516\$40

Notas em circulação:

Ouro	647.174.521\$00
Prata	38.454.194\$50
Total	685.628.715\$50
Tesouro público etc.	8.279.149\$64

Em 9 de Novembro de 1921:

Caixa:	
Ouro	8.577.180\$41
Prata	17.696.021\$25
Niquel	3.003\$00
Cobre	1.288.311\$74
Total	27.564.516\$40

Notas em circulação:

Ouro	651.111.725\$00
Prata	38.354.388\$50
Total	689.466.113\$50
Tesouro público etc.	16.358.669\$52

Estas semanas correspondem á gerencia da Fazenda Pública pelo sr. Peres Trancoso, ministro do gabinete Maia Pinto.

Confrontando, a gerencia do gabinete Manuel Maria Coelho exprime-a assim o balancete do Banco Emissor:

A conta corrente do tesouro publico aumentou 6.751.492\$94; a do *Credito Agricola* diminuiu 102.000\$31,5; moeda, cobre, mantendo-se a de ouro, de prata e de niquel, nas mesmas importancias das semanas anteriores. O total em caixa era de 27.755.388\$31. As notas em circulação aumentaram nessa semana 10.352.262\$00, ou sejam quasi 1.500 contos por dia exactamente 1.478.894\$57, juntando a esta importancia 207.676\$00 do aumento da semana anterior.

O ministro das finanças do sr. Maia Pinto annunciou que não aumentaria, nenhum centavo, a circulação fiduciaria. Cumpriu-o.

Na hora em que tomou posse convidou os politicos e o pais a trabalhar. Pelos geitos estas entidades não só não querem trabalhar como não estão dispostas a deixar trabalhar.

Assim é que 24 horas depois do sr. Peres Trancoso apresentar os seus primeiros projectos, o gabinete entregava a demissão.

Continúa a instabilidade ministerial, o que equivale a continuar a ter este país sem governo financeiro, e o agravamento cambial á solta.

Recordemos apenas, as ultimas contas publicas conhecidas, que são as apresentadas pelo sr. Barros Queiroz, no orçamento ratificado para 1921-1922, que era o apresentado na legislatura anterior pelo sr. Cunha Leal, com pequenas modificações nas verbas:

A receita ordinaria e extraordinaria atinge 231.000 contos. As despesas ordinarias e extraordinarias 520.000 contos, sendo o deficit, por isso, de cerca de 290.000 contos.

As receitas ordinarias, sem o juro dos titulos da divida da Fazenda Publica, são de 173.000 contos.

O Exercício custa 87.000 contos; a Marinha, 50.000; a Guarda Republicana, 56.500; a Guarda Fiscal, 8.300; a Policia, 6.800, o que quer dizer que as despesas com a força armada atingem 139.000 contos ou mais 16.000 contos do que as receitas totais do país.

O funcionalismo, não incluindo os serviços autonomos, custa cerca de 90.000 contos e a divida publica, em circulação, 93.250 contos. Isto é, o funcionalismo e a divida absorvem mais 10.000 contos do que a totalidade das receitas publicas.

As subvenções a todos os serviços, incluindo a força armada, custam 111.000 contos e as diferenças de cambios custam cerca de 75.000 contos. Isto é, as subvenções e as diferenças cambiais custam mais cerca de 13.000 contos do que a totalidade das receitas publicas.

Indigita-se o sr. Cunha Leal para presidir ao novo governo.

Vai s. ex.ª defrontar-se com um inimigo muito seu conhecido: o deficit orçamental. S. ex.ª já o conhece, já sabe o que ele é.

Infelizmente já sabe também que não vence esse inimigo, visto como era o mesmo quando tomou conta da pasta das finanças e o mesmo, senão maior, ficou quando o sr. capitão Cunha Leal deixou o governo.

O deficit, pois, não receba s. ex.ª com os vivos que o país reserva aos herois. Comparecerá no acto da posse, como o castigo imane sempre presente sobre a cabeça de algum reprobato.

DR. ARMANDO NARCISO

CLINICA MEDICA

Travessa Nova de S. Domingos, 9 (à Rua do Amparo)

STORES DE MADEIRA

RUA DO SEculo, 140

CASA HAVANEZA

FUNDADA EM 1855

GRANDE DEPOSITO DE TABACOS ESTRANGEIROS DE TODAS AS PROCEDENCIAS
A PRIMEIRA DO PAÍS NO SEU GENERO

Especialidade em charutos, cigarros e picados da Havana, da Argelia e dos melhores fabricantes holandeses

Unicos importadores de cigarros Jorro de Cran: -- Higienicos, La Violette, La Deliciosa, Bosson amarelo, Miosotis, Zuavos, Colombos e Ildas e de todas as marcas do fabricante J. Bastos

Importadores exclusivos em Portugal dos papeis de fumar

ZIG-ZAG e RAMSES

Artigos para fumadores em todos os generos

Previnem-se os fumadores de que só é legitimo o papel zig-zag o que tiver:

Unicos importadores em Portugal

A Casa Havaneza -- LISBOA

Rua Garrett, 124 a 134

Mundanismo

Recita elegante

Em S. Carlos

Inauguram-se ontem os espectaculos de assinaturas em S. Carlos, começando por um esplendido concerto dirigido pelo distinto artista Ruy Coelho.

Para se poder avaliar o concerto elegante de que essas recitas vão ser revestidas publicamos a relação das pessoas que têm camarotes:

Duques de Palmela, marquesa de Avila e Bolama, mrs. Pondal, condes de Castelo Mendo, condes da Louzã, viscondes de Alvelos, Luis Virgilio Teixeira, Antonio Ferreira Marques, José Lino, Fernandes de Aguiar, Campos Henriques, Eduardo Perestrelo de Vasconcelos, Boaventura Mendes de Almeida, Eduardo Placido, dr. Alfredo da Cunha, Espirito Santo Silva, dr. Eusebio da Fonseca, Luis Bandeira de Melo, Luis Pereira, Antonio Santos Fonseca, dr. Manuel Caraca Rodrigo Peixoto, Henrique José de Mendonça, Jaime Moreira de Carvalho, Carlos Eugénio Martinho de Almeida, Raul Empis, Ernesto de Mendonça, dr. Ravara, Braderode Smith, Francisco Melo Breyner de Almeida e Vasconcelos, Carlos Harandis, D. Judite Barbosa Colen, dr. Madeira Pinto, Vasconcelos Corcia, Jacob Abecassis, dr. Matos Cid, José Maria Pedrosa, dr. Santos Loureiro, Jorge O'Neill, Manuel Oliveira Monteiro, Rui Ulrich, José Eduardo de Abreu Loureiro, D. Luis de Carvalho Daun e Lorena (Pumbal), Antonio Santos Fonseca, Adriano Julio Coelho, José Aguiar da Cunha, João Marques Diogo, Ernesto Santos Bastos, Carlos Scizas, João Cristiano da Silva, Alvaro Pinheiro Chagas, Antonio Lopes Pinto Coelho, Luis Rau.

João da Cruz, David da Silva, Antonio Marques de Freitas, Manuel da Graça Costa e Silva, Estulano Dias Ribeiro, Antonio dos Santos Jorge, Eduardo Martins, Eduardo Ernesto dos Santos, D. Beatriz Vieira de Castro, dr. Raul Pires, Pinho de Almeida, Manuel Santana Lança Cordor, Fernando Formigal, dr. João Barral Filipe, Nuno Queriol, D. Manuel Roldan y Pego, Abilio Cardoso Antunes, dr. Manuel Gomes de Amorim, dr. Martins Pereira, José Lavado, Antonio Pereira de Melo, José Antonio dos Santos, Portugal Durão, Gaspar Costa Ramalho, Manuel Ramos Junior, José Carneiro, dr. Lobo Alves, dr. Ramos Pinto, Augusto Campos Sousa, Pizarro da Cruz, Pedro Campos Meneses, Alfredo Viana e D. Clotilde Almeida Lima, etc.

E' a seguinte a lista de pessoas que têm assinatura de cadeiras:

Carlos Nunes Teixeira, Viana da Mota, dr. Antonio Corcia de Sousa Rosa, Antonio Ferreira de Lima, Julio Pinto Barata, Alfredo Corcia da Gosta, Liberato Pinto, Bento Mantua, dr. José Gentil, dr. José Maria de Queiroz Veloso, Alexandre Couto, João Magalhães Diogo, Luis Trigueiros, José Antonio Ferreira Madail, Carlos Marques e Sá, dr. João de Barros, dr. João de Barral, Alfredo A. Freire de Andrade, Eduardo de Aguiar Bragança, dr. Eduardo Pedrosa de Lima, dr. João Lopes Garcia, Reis de Cesar Machado, dr. Arlindo Correia Leite, dr. Francisco Alberto Costa Cabral, general Corcia Barreto, Idefonso Ortigão Peres, Manuel da Silva Gomes, Antonio Julio Pinto da Fonseca, Marino Corcia Afonso, dr. Francisco de Mendonça Sommer, Raul Cesar Ferreira, dr. Eduardo Belezza de Andrade, Manuel Alvaro de Noronha, dr. J. Francisco Teixeira de Azevedo, D. Maria Judice da Costa, dr. Mario de Aguiar, dr. Antonio de Aguiar, Goadrefy Pope, Casimiro Costa Santos, João José da Mata, Catarino Lima, dr. José Pais Laranjeira, Manuel Henrique de Carvalho, dr. Manuel Ferreira Cardoso, Fernando Corcia Mendes, Eduardo David Martins, Julio Ferreira Pinto, Frederico, Francisco Carlos Parente, Henrique Macedo e Faro, Arthur Pais de Lima, Castelo Branco, Julio Costa, Arthur Silva Alves, José Maria Corcia de Sousa, Gonçalo Bueno y Martins, Frederico Muller, João Duarte, dr. Carneiro de Moura, Augusto Lopes Joly, Joaquim Rosa, dr. Alfredo Fonseca, dr. José Megre, Branco Martins, dr. Manuel Duarte, dr. Fernando Pinto Coelho, Carlos de Vasconcelos e Sá, João Eugénio G. de Morin, Soto Maior, dr. Camossa Saldanha, conde de Arrochela, Julio Maria Baptista, Guilherme Vasconcelos Corcia, D. Laura Soares Branco, Armando Costa, dr. Armando Miranda e Sousa, José Augusto Dias, Antonio Taveira, Cesar Machado, Adolfo de Oliveira Santos, Vasco Monteiro, D. Vasco Manuel da Camara, João Caupers, Luis Bandeira Melo, dr. Francisco Pais de Sande e Castro, Adriano Julio Coelho, José Martins Castelo Lopes, dr. Elias Barriel, dr. Antonio de Azevedo, Tristão de Magalhães, João Vicente Lima Mayer, Raul Eduardo da Silva Couto, dr. Francisco Garrido, dr. Mauperrin dos Santos, conde de Paço Lumiar, Jaime Thompson, Jorge de Mendonça, dr. Rangel de Sampaio, Carlos da Mota Marques, etc.

Antiversários

Fazem hoje anos as senhoras:

Condessa da Guarda, baronesa de Ortega, D. Berta de Andrade Bastos de Mendonça (Azambuja), D. Laura Perestrelo Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão), D. Maria das Dóres de Albuquerque Lobato Pereira de Melo, D. Estelina Mendes Corcia, D. Ana Guedes da Costa, D. Maria Angelina Moraes Sarmiento Soares de Albergaria, D. Matilde Pessoa de Amorim Soares Andreia.

E os srs.:

D. Francisco de Almeida, dr. Alberto de Campos Melo, dr. José Dionisio de Melo e Faro, José de Sousa e Holstein Brandão de Melo, Ernesto Santos Bastos, José Perestrelo de Matos, Carlos Fernandes Lial Martins Pereira e Jorge Barbosa de Matos Chaves.

Casamentos

Pelo sr. J. Julio Rocho foi pedida em casamento para o sr. dr. Jacinto Fialho de Oliveira a senhora D. Mari Luísa Pereira de Sá, filha da senhora Fernanda de Sá. O enlace matrimonial realizar-se-há por todo o proximo anno.

Em viagem

Partiu para o Norte o sr. Rafael Ludovice. O sr. dr. Adolfo Azevedo Souto e sua esposa, senhora D. Joana de Tavora Folque de Souto, regressaram do estrangeiro, onde se demoraram em virtude de seu sogro e pai o engenheiro general sr. Pedro Romano Folque, ter soffrido duas intervenções cirurgicas, uma em Lyon e outra em Marselha, de que está convalescente.

Pinto & Duarte, L.ª

Vestidos tailleur -- Robes et Man-

-- teaux -- ULTIMOS MODELOS --

Fatinhos para crianças

A unica casa que tem o melhor artista no genero

145 - Rua do Ouro - 149

Loja e 1.º andar -- Telef. C. 4141

MEMORIAS DE OUTROS TEMPOS

O PALACIO ENCANTADO

DA

CONDESSA DE FICALHO

As obras de caridade de Sidonio Pais - Bernardino Machado e Mayer Garção - A historia de um ramo de cravos côr de rosa - Uma festa em Sintra e um Natal feliz para os pobres

A illustre titular conversa com um jornalista do "Diario de Lisboa" durante meia hora

Sala de telas antigas. Ha um fogão largo, enegrecido, ceramicas portuguesas; um tapete doirado, onde o sol não põe chama; um tecto que Columbano encheu de meninos e de nuvens tenues, cadeiras e sofás de veludo azul, azul mais brando e mais leve que o do nosso céu; sobre uma mesa, dois retratos de Sidonio Pais, um deles rodeado de cravos côr de rosa, côr de rosa desmaiada e dolente que a hora enaltece; uma senhora, muito figura antiga, que nos fala lentamente, brincando com os seus olhos, por vezes.

E' a senhora condessa de Ficalho, meus senhores.

Aberto o reposteiro do seu salão, já feitos os cumprimentos e beijada a sua mão fidalga que tivera a gentileza de abrir ao *Diario de Lisboa* as portas do seu palacio, fechado ha muito, ela vai falar.

Três lunhas antes, para darmos uma nota tocada de ternura e de graça. Certo infante, cinco anos se tanto, cabelos a *Van Dyck*, bibe branco, a correr, a pular atrás da bola esquadrejada de côres, que se chama João, e que é filho do nosso Paulo da Camara e neto daquele outro João, que escreveu para nossos dias o *D. Afonso VI, os Velhos e a Meia Noite*. Joãozinho, tem um rosto palido, uma lagrima pequenina de amuo, quando a avó o manda brincar para outra sala. Lá longe, a bola salta; Joãozinho corre, perde-a, chama por uma criada.

E aqui, nesta sala de janelas altas, veludos, doirados, calma fidalga, a senhora condessa de Ficalho diz:

— Conheci o sr. Sidonio Pais, quando ele voltou do Porto. Já era presidente.

E evitando uma pergunta:

— Só tratei com ele de assuntos de caridade. Admirei-o intensamente como portuguez.

Sidonio Pais olha-nos de frente neste retrato florido com devoção quasi religiosa.

Mais longe, sobre um piano de cauda, tapado com rica colgadura de veludo roxo, com recame de ouro e prata, outro retrato.

— Senhora condessa, estes cravos terão uma historia?

— Recordam um facto, um pequeno incidente. Quando passou o primeiro aniversario do 5 de Dezembro, lembrei-me de enviar ao sr. presidente um ramo de cravos. Hesitei, hesitei muito. Ele estava muito triste, nesse dia. Contrariedades, movimentos... A' noite falei-lhe, na recita de gala do S. Luis... Dei-lhe os cravos... Eram côr de rosa, tal qual como estes que aqui estão... Ele está sempre cheio de flores em minha casa.

A senhora condessa tem um sorriso. Os seus braços robustos, pesados de pulseiras, desmancham um pouco o seu casaco escuro. Ha pedras antigas que vivem, nesta hora de sol, em seus dedos.

— Quando vou a Belem encontro sempre a urna cheia de flores. Ramos simples, pequeninos, atados com linha de costureira; flores caras, ricas...

— E leva sempre os seus cravos?

— Sempre.

Um instante de recolhimento que o sol, este sol que entra pelas janelas, harmonioso, flurente, doirado, enternecido como uma canção de agua corrente, não apaga.

Ouvimos:

— E' que sentia nele, com este instinto que as mulheres possuem, um enorme desejo de bondade, de carinho... Foi esse desejo que o levou a sacrificar tudo...

A sr.^a condessa evoca ainda, uma festa em Sintra, outras festas, a Assistencia 5 de Dezembro...

— Oh! em Sintra, não pode, não poderá nunca calcular como ele estava alegre. Atulhou o seu automovel de crianças, beijou-as, deu-lhes brinquedos. Tinha para cada uma delas um sorriso; era ele que escolhia as fa-

zendas, os modelos para os fatos. E tinha tanta atenção por estas coisas, como se tratasse dum assunto de Estado.

A sala tem mais sol. Ao fundo, num cavalete, uma mulher pintada por João Reis, tem uma petala mais no seu sorriso. E' a luz a colorir, a dar-lhe côr, talvez alma.

— O sr. presidente ia buscar as crianças desamparadas. Uma das suas ultimas

tal, mandou o sr. presidente vir da provincia galinhas, muitas galinhas. Era para que todos os pobres pudessem ter um dia de alegria, de felicidade, com pouco dinheiro.

E outra vez:

— Grande alma aquela! Quere ouvir? Um dia, falando eu ao sr. presidente dos nossos soldados que vinham de França, ele pediu-me que não esquecesse os marinheiros... «Fazem

coração. Nesta sala, na outra ao lado, outra mais longe, em todo o palacio, os restos do presidente morto são inúteis. Lembra o quê? Se essa lembrança vive no espirito da senhora condessa, que nos fala sempre, ao pre do sr. presidente, como ela lhe chama se peitosamente.

— Um dia, numa reunião de senhoras, lou-se de Bernardino Machado. Alguem? Era natural, não é verdade? Pois Sidonio I. aprumou-se todo e disse: «foi um Chefe de Estado». E ninguém mais falou no Bernardino Machado. Eu gostava que ele soubesse isto; já estive para lhe escrever... Para Sidonio Pais, a entidade Chefe de Estado completamente destacada da sua. Se castigava, era porque tinham ofendido essa entidade mas a ele, Sidonio Pais... Pelo contrario.

— A senhora condessa entendia que castigasse severamente o autor da sua morte.

— Não! Não! Ele foi um instrumento de nas. Mandaram-no matar...

— Do Paço, recorda-se de alguma coisa?

— Não! Fui a tantos bailes... com o pai... Sabe, estive em Petrogrado a assistir a coroação do Czar?... Um dia hei de publicar as minhas memorias... A minha vida.

O diplomata está ali, em tela, sentado na cadeira, chapéu pousado nos joelhos. A senhora condessa não reputa o retrato muito bom.

— Não leio muitos jornaes, não. A's vezes passam-se dias e dias que não os vejo. Politica, disse? Eu não conheço a maior parte dos nomes dos politicos. Para que havia de os conhecer... E' triste.

— A senhora condessa tem albergado, no palacio muitos politicos? Corre...

— Aqui não. Na minha casa do Alemite recolhi uma vez, no tempo da monarchia, Mayer Garção e mais três...

— Recorda-se dos nomes?

— Espere... Não, não me lembra...

Fala outra vez de Sidonio Pais:

— Toda a gente pensa ainda nele... E o querem exteriorizar, mas eu sinto, sinto a sua recordação...

E a senhora condessa ergue-se e leva-nos a visitar os seus salões.

Moveis antigos, tapeçarias pesadas; falhas muitas; na casa de jantar um buffet e um tecto pintado a fresco, grande riso de um pouco a Veronezo, e chamuscado ainda as balas, as balas do 14 de Maio.

— E' de 1674 esta casa. Parte dela derrubou com o Terremoto. No outro lado está o meu filho.

Agora é a capela.

— Por aqui é que mando entrar os revolucionarios quando vêm passar as buscas, tenho sete.

A senhora condessa sorri, familiariza-se.

— Veja esta Nossa Senhora das Dores...

E' uma imagem vestida de veludo, muito desesperadas de amargura, mais amargura expressão do rosto. Seus olhos, marejados de lagrimas, são misericordiosos. Na face, uma mancha de sangue, mais palido que o vernizinho dos labios.

Outras salas; reposteiros antigos, com brasão da familia. Azulejos. Agora é a biblioteca. Estantes severas; livros de lombas douradas; no centro uma mesa, com uma grande caixa, que a senhora condessa alia.

— As condecorações de meu avô.

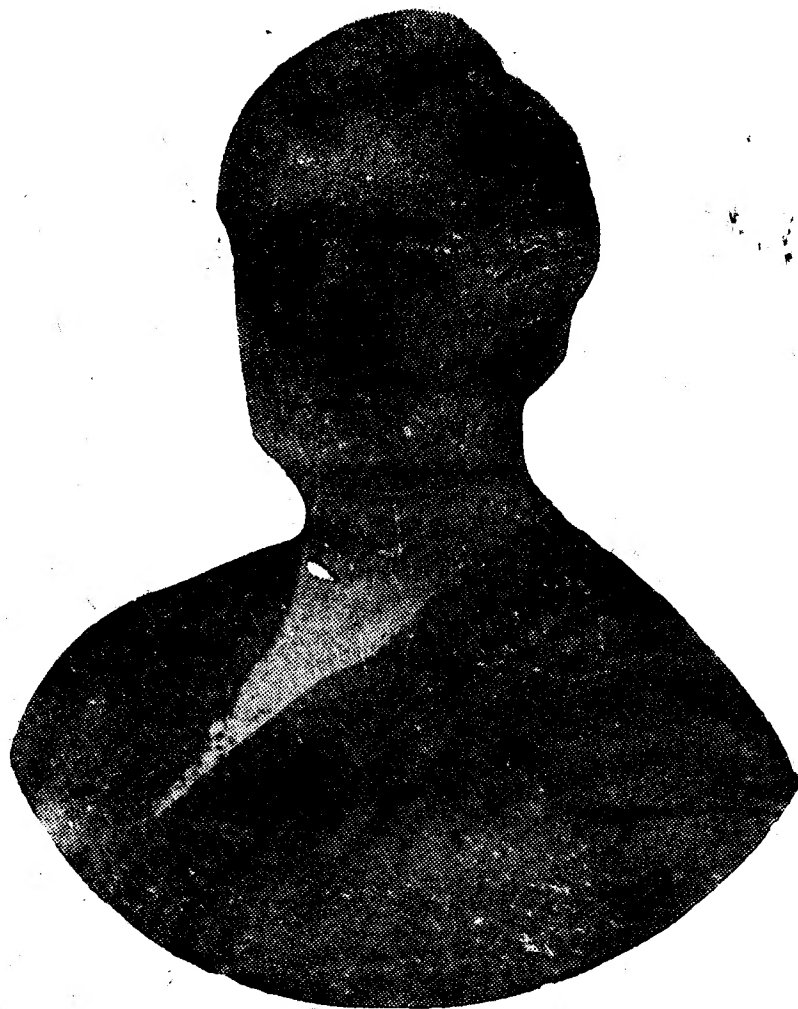
E remexendo uma fita azul e branca:

— A gran-cruz da Conceição. A mesma que tem o Afonso Costa...

E na casa de jantar, enquanto as pranchas tomam um banho quasi divino de sol:

— Aqui tem a minha casa...

— A sua casa de janelas fechadas, cortinas corridas misteriosamente e onde vive uma grande recordação que o tempo não apaga.



Condessa de Ficalho

ordens foi que todas aquelas que se apresentassem, nestas condições, á Cruz Vermelha, fossem imediatamente recolhidas... Aquelas que os pais queriam entregar ao Estado eram recolhidas também. Grande alma! Para essa bela obra criou ele quatrocentos logares na Casa Pia.

Uma pausa triste:

— Eu já disse tudo, tudo... Admirava-me intensamente como uma criatura tão ocupada nos assuntos de Estado tivesse tempo para cuidar destes pequeninos e sagrados seres... Um dia, se bem me recordo, vespuras de Na-

duas vezes por mês a guarda de Belem... disse. E o seu rosto iluminou-se de alegria ao falar neles.

E ainda:

— Grande alma aquela!

O salão vive, redoi-se de oiro do sol que entra vivamente pelas janelas largas. A senhora condessa já nos fala de Sidonio Pais, com menos tristeza. E' como uma figura querida que não morreu, que vive ainda e com quem se conversa todos os dias, a todas as horas. Sente-se que aquela admiração sem limites permanece superior ao tempo no seu

PÂTISSERIE

LUNCHS **ET DINERS**

POUR MARIAGE **EN VILLE**

DÉJEUNERS **SUR COMMANDE**

C. BENARD

104, Rue Garrett, 106

Telephone N.º 1.117 LISBONNE

PARA O RESSURGIMENTO DE PORTUGAL

A COLONIZAÇÃO DOS PLANALTOS DE ANGOLA PELA RAÇA PORTUGUESA DEVIA CONSTITUIR UMA PREOCUPAÇÃO CONSTANTE DO GOVERNO DA METROPOLE

Angola ainda é para a maioria dos portugueses a "costa de Africa" para onde se mandam os degredados

O "Diario de Lisboa" ouve o distinto colonial sr. Antonio Pinto Teixeira

Ela diu um português de lei, desses poucos que são capazes de conversar durante uma hora sem discutir a enfadonha politica da nossa terra, disse-nos:

—Você, que tem manifestado interesse pela patriótica acção de propaganda do nosso patrimonio colonial, devia ouvir algumas opiniões do meu amigo Antonio Pinto Teixeira sobre a colonização da provincia de Angola.

Accedemos. O sr. Antonio Pinto Teixeira, uma vez consultado, dispoz-se a sofrer as consequências duma entrevista, declarando gentilmente que receberia com agrado um redactor do *Diario de Lisboa*.

Avisados da sua boa disposição, procuramo-lo. Dificil tarefa, leitor!

O sr. Pinto Teixeira é um homem que está em quasi toda a parte e que por isso mesmo se não encontra com facilidade em parte nenhuma.

Vai-se ao escritorio tal, pergunta-se se está e ouve-se como resposta:

—Esteve, mas saiu. E' possivel que volte.

Em outro escritorio:

—Deve estar a chegar..

Volta-se ao primeiro escritorio

—Que pena! Se vem dois minutos mais cedo, apanhava-o. Naturalmente está em tal parte.

Isso está ele! Enfim, depois de ter andado de Herodes para Pilatos, decorridas longas horas, quando o jornalista começa já a ter uma pontinha de aversão pelo entrevistado, o sr. Pinto Teixeira aparece e a pontinha de aversão desaparece.

O sr. Pinto Teixeira que governou Benguela durante o ministerio Sá Cardoso e que anteriormente tinha já permanecido três anos no distrito, sabe ser amavel, sabe cativar. O seu estagio nas colonias não lhe roubou a figura de trato e de maneiras.

Adivinha-se nele o homem que triunfou na vida pelo seu esforço, sem ter atropelado o proximo. Singelamente, com sinceridade, pede desculpa ao jornalista e explica:

—Tenho andado a tratar da efectivação de uma ideia que me absorve completamente: a fusão de duas importantes sociedades portuguesas que, uma vez unidas, muito hão de contribuir para o progresso da provincia de Angola.

—Sei que é um colonial dos mais distintos e que conhece a fundo essa nossa rica possessão. Quere ter a bondade de palestrar comigo acerca dos problemas que lhe dizem respeito?

—Para mim, hoje, o problema immediato mais interessante em Angola é o problema do aspecto politico, ou seja o que há-de assegurar, assim que, fôr resolvido a nacionalização da provincia. E' preciso garantir que aquela importantissima parcela do nosso patrimonio colonial seja bem a continuação da nossa raça, a garantia da influencia portuguesa em toda a Africa Central. Para se poder afirmar em Africa a influencia de qualquer povo europeu é mister que esse povo possa conseguir nucleos importantes de população branca. Assim, a influencia no norte de Africa pertencerá aos franceses por terem conseguido criar nucleos de população francesa em Marrocos e na Argelia. Mas onde isso se verifica hoje com maior evidencia é na Africa do Sul. Do facto de se ter constituido um nucleo

de população que ascende a mais de dois milhões de brancos, resulta que a nação sul africana exerce uma hegemonia decisiva em toda a Africa do Sul, hegemonia a que a nossa provincia de Moçambique não se exime. A Africa Central, decerto a região mais rica de todo o continente africano, encontra-se ainda hoje na fase de simples exploração comercial. No dia em que nela se tiver fixado um nucleo importante de população branca a nação que

ensino deficientissimo, pouco mais que acidentales geograficos, das nossas possessões ultramarinas. Angola é ainda para a maioria do povo português a *costa de Africa* para onde se mandam os degredados.

—Mas alguma coisa se tem feito já no sentido de modificar essa errada impressão. O Alto Comissario...

—O general Norton de Matos, com a sua visão de verdadeiro homem de Estado, colo-

de mão de obra. E foi isso o que se fez, tanto em Caconda como em Huila. Postos em concorrência com os indigenas, os colonos foram assimilados por estes, em obediência a uma lei economica natural. O colono em Africa terá que ser o proprietario e dirigente de uma pequena fazenda, utilizando a mão de obra indigena.

A Inglaterra, com as suas correntes de emigração estabelecidas, consegue isto facilmente em toda a Rodhesia, porque o pequeno capitalista inglês também emigra.

Em Portugal não acontece isso. Da nossa população dos campos, ninguem que possua umas geiras de terra parte para a Africa a tentar fortuna.

—E como pensa que seria possivel realizar em Angola, o genero de colonização que advoga?

—Creando o organismo de credito indispensavel para assegurar ao emigrante indigente, mas com educação agricola e habitos de trabalho, os capitais suficientes para se estabelecer.

Os colonos estariam em conta corrente com esse organismo de credito e desde que os seus esforços fôsem bem orientados e disciplinados pela acção do Estado, e fôsem escolhidas para a sua fixação as zonas que reunissem o maior numero de condições economicas de exito, em breves anos eles se tornariam proprietarios prosperos, livres de encargos e isto sem que o Estado alienasse definitivamente qualquer capital, porque de tudo seria integralmente reembolsado. E' este um ponto em que eu absolutamente insisto como condição economica e moral indispensavel para o exito. O colono não deve ser considerado como um indigente a quem se faz a esmola dum subsidio. O colono representa um valor, que pelas suas qualidades de trabalho merece um credito e o encontra.

—Sob esse ponto de vista, até qualquer empresa particular poderia tomar a si semelhante empreendimento. O proprio Banco Ultramarino que, segundo crêmos, tem obrigação no que diz respeito a credito agricola.

—Realmente, o Banco Ultramarino tem essas obrigações. Mas as operações de credito agricola que ele fizesse assentariam necessariamente sobre a base do credito hipotecario e isto anula absolutamente a sua acção como banco agricola, porque a terra em Africa ainda não tem valor. O credito a fornecer só pode assentar sobre o valor pessoal do colono.

—Porque se não cria então um organismo bancario com capitais particulares, visando esse fim e dentro dos interessantes principios que perfilha?

—Não o julgo possivel. Para todas as regiões na fase inicial de desenvolvimento os capitais só accorrem na perspectiva de lucros muito grandes. E sucede assim porque as probabilidades de insucesso são sempre numerosas. Compreende também que uma instituição de credito agricola, para conseguir o seu objectivo, não pode nunca ser uma instituição de usura. Por outro lado o exito da colonização baseia-se na concessão da posse definitiva aos colonos de todas as terras valorizadas pelo seu esforço. Sem este incentivo, faltaria ao colono o entusiasmo e a persistencia no



Antonio Pinto Teixeira

o tiver conseguido terá dado um passo fundamental para a hegemonia politica e economica de toda essa vasta região.

—E porque não há-de ser Portugal essa nação?

—Não podemos ser senão nós, se tivermos juizo, porque em toda a Africa Central apenas nas regiões dos planaltos Malange, Benguela e Huila, é possivel a fixação definitiva da raça branca, visto que só aí o clima o permite. A meu vêr, neste país tão falho de aspirações colectivas, este problema da colonização dos planaltos pela raça portuguesa, devia constituir uma preocupação constante. Mas isso só se pode realizar com um trabalho continuado e produtivo de muitos anos e, trabalhando-se, sobretudo para que o objectivo português em Angola faça parte da educação nacional. Não ha povo nenhum que menos conheça as suas colonias do que o português. Nas escolas da metrópole faz-se um

cou no primeiro plano do seu programa administrativo o problema da colonização. A frente destes serviços está em Angola o dr. Ferreira Diniz, velho colonial e muito conhecedor da provincia. Julgo, porém, que a colonização dos planaltos terá de fazer-se segundo determinantes especiais que não podem ser de modo algum a continuação das tentativas ensaiadas até hoje.

—Mas fizeram-se já tentativas nesse sentido?

—Sim. As principais foram as da colonização de Caconda e Huila. Ambas falharam.

—O motivo?

—O de obedecerem a um principio errado inicial. O colono branco que vai exercer a sua actividade nos planaltos, verá os seus esforços perdidos e inutilizados, se fôr colocado em concorrência com o indigena. A colonização branca não pode ser uma colonização

O ALTO COMISSARIO SR. NORTON DE MATOS TEM NO PRIMEIRO PLANO DO SEU PROGRAMA ADMINISTRATIVO O PROBLEMA DA COLONIZAÇÃO DE ANGOLA

E' necessario criar um organismo de credito para assegurar capitais ao emigrante indigente

Não se pode atentar contra a liberdade do indigena para recrutar mão d'obra

trabalho. De maneira que eu entendo que só o Estado pode fornecer os capitais para esse organismo de credito a que eu chamaria Banco de Colonização, organizado, porém, de modo que gradualmente se fosse tornando também propriedade dos proprios colonos, pela obrigação que eles contrairiam inicialmente de capitalizar no Banco uma parte dos seus lucros.

Assim, ao fim de algum tempo, criadas as colonias, tendo estas adquirido uma vida propria, desafogada e organizada com disciplina económica, o Estado poderia abandonar a sua acção de tutela, deixando, como factor economico importantissimo nesse segundo Portugal uma poderosissima instituição de credito. Evidentemente que não basta dinheiro para se realizar o formidavel objectivo da fixação da raça portuguesa nos planaltos. Será indispensavel também muito metodo, muito estudo e um recrutamento rigoroso entre os emigrantes. E' preciso que não se repita o erro lamentavel que se praticou no recrutamento de colonos para Huila, escolhidos entre a ultima escumalha da Madeira. E' indispensavel, sobretudo, assegurar aos serviços de colonização a autonomia administrativa bastante para que o seu objectivo se realize sem soluções de continuidade.

—Julga então que a nacionalização da provincia se consegue apenas com a fixação de colonos?

—De modo nenhum. Antes de tudo é preciso conseguir que os interesses economicos da metropole e de Angola se conjuguem. O Alto Comissario tem evidenciado, felizmente, uma preocupação constante nesse sentido. Mas é ainda necessario também promover a educação, o progresso e o bem-estar da população indigena. Com este problema se liga a dificuldade administrativa mais grave que o general sr. Norton de Matos encontrará sem duvida na sua gerencia, ou seja, a questão da mão d'obra.

O bem-estar e o espirito progressivo entre os indigenas só se consegue pela fixação definitiva destes á terra. E o recrutamento forçado da mão de obra para as plantações e outras industrias dos brancos prejudica completamente esse objectivo, promovendo a depopulação das regiões onde a actividade dos brancos se exerce. A questão da mão de obra só se resolve por uma acção continuada sobre os indigenas, no sentido de lhes inculcar hábitos de trabalho, pela criação de novas necessidades. O sr. Norton de Matos, da pri-

meira vez que governou a provincia de Angola, poz em pratica esta orientação. E o problema da mão de obra assumiria hoje, sem duvida, muito menos gravidade, se essa orientação tivesse sido continuada pelos seus successores.

—Entende então que o Estado não deve exercer qualquer pressão sobre os indigenas no sentido de os obrigar ao trabalho?

—Não. Mas essa pressão deve ser exercida por meios indirectos e nunca por proces-

sos que recordem á população indigena os hábitos de escravatura que tão tristemente celebrizaram Angola, exercendo sobre eles qualquer violencia que possa representar um atentado á sua liberdade. Essa acção indirecta depende essencialmente da habilidade e da competencia das autoridades administrativas. Ainda bem que a provincia conta já hoje com um nucleo de funcionarios administrativos notavel que tem já realizado uma grande obra.

E é preciso também que de vez se retroceda no caminho tão levemente encetado de abandonar as missões catolicas. A acção educativa exercida por essas missões é absolutamente notavel, sendo necessario reconhecer que ela não seria possivel se não fosse o espirito de abnegação dos missionarios. Convem acentuar ainda que as missões catolicas representam o meio mais eficaz de contrabalançar a acção desnacionalizadora de certas missões protestantes. A primeira vez que estive em Africa, dei-me a educar nos hábitos de incondicional intolerancia contra o que se chama o clericalismo. Eu era antecipadamente um inimigo das missões.

Em breve reconheci, porém, o contrário: tantos outros nas minhas condições, que as missões catolicas foram até hoje o unico organismo que fez artífices entre os indigenas, que lhes deu educação agricola e que muitas vezes assegurou, em regiões afastadas, a nossa soberania. A obra a fazer em Angola é tão grande que exige o esforço de todos os portugueses. Por felicidade, naquelas terras em que os portugueses se transformam, tornando-se apenas homens de trabalho, dominados pelo melhor patriotismo não há hábitos de intolerancia. E o Alto Comissario tão integrado está na vida das colonias, tão superior orientação demonstra, que não hesitou em escolher para fazer parte do Conselho Executivo como unico componente não funcionario, o padre Alves da Cunha, figura suprema da igreja católica na provincia e homem muito justamente apreciado pelas suas virtudes, pela sua inteligencia e pelo seu saber.

—Acredita na prosperidade da provincia de Angola?

—Absolutamente. E' mesmo essa a maior razão que me obriga a crer no futuro da nacionalidade. Angola é muito rica. Em breve será um grande mercado exportador de todos os produtos tropicais e o celeiro de toda a Africa Central. Verá em pleno desenvolvimento uma formidavel industria mineira. De resto, eu creio ainda na possibilidade de se efectivar o objectivo politico a que me referi no começo da nossa palestra. O que é indispensavel é dar a todos os portugueses a segurança de que têm ainda um grande papel a desempenhar perante o mundo. Por mim, concorrerei para isso na medida das minhas forças. E brevemente, a pedido de alguns amigos, desenvolverei numa conferencia que vou fazer na Sociedade de Geografia, as minhas ideias sobre o assunto.

O VERDADEIRO ELIXIR



—Como a senhora está muito doente, trago-lhe este vinho...

—Qual?

—O Burjacas, o elixir da longa vida.

MONTE REAL



SUPERIOR
A TODOS OS
COGNACS

ELECTRICIDADE-MAQUINAS

Instalações e reparações—Pequenos orçamentos
gratis A Electro-Quimica Lt.ª B. Douradões, 29, 3.ª Lisboa.

O DIÁRIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

ARMAZENS DE PARIS, L.

Uniformes militares — Especialidade em Estilos a Rigor — Completo sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras vindas directamente dos Fabricantes
Enviam-se amostras para a provincia

217, R. DOS FANQUEIROS, 219 (2.º Quarteirão vindo da Praça da Figueira), Telefone C. 3427 --- LISBOA

Alfaiates mercadores para Homens e Senhoras em Tailleur
SOBRETUDOS, CAPAS Á ALENTEJANA, CASACOS PARA SENHORA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ADEUS!

TO POR APOLLO Cozinha á
LEBRE Portuguesa

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
grande êxito! — Aproveitem!
Sempre numeros bñados!

MANHÁ
Festa artistica da actriz
IZAURA ROCHA
A 17 — Festa artistica da actriz
MARIA ALVES

AVENIDA

Ultima Recolta da Moda com a
VIAGEM A CHINA

Em breve
O TOUREADOR

EATRO SALÃO FOZ

EMPRESA ARTUR EMAUZ
Companhia Otelo de Carvalho
representações, sempre com en-
chentes e em DUAS SESSÕES
com a incomparável revista.

ichinha Gata...

autoria de Ernesto Rodrigues, Felix
maudes, João Bastos e Lino Ferreira.
SUCCESSO SEM RIVAL
O «campê» pelo impagável ANTONIO
MEES, da Trindade — Varios e interessantes
pelo de sensação e actualidade por Lúcia
sta, Otelo de Carvalho, Julia d'Assun-
ção e mais artistas
a balão em scena — Um carro electri-
— A carestia da vida e os Polkistas

Gama

IME VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES
E CHUTEIRAS
para todas as

OTERIAS

Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
o corral mais \$15 para regista-
vone: 1-220 — CENTRAL
Pedidos a

SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

lantero & Mendonça, Lt.ª

COINAS DE MECANICA, de
carrosserías e pintura para

TOMOVEIS E CAMIONS

lua Marquês Sá da Bandeira, n.º 61

o Campo Pequeno)

TELEFONE 2-545 — N

O DE CARVALHO, FILHO

essor da Faculdade de Medicina de Coimbra
benças pulmonares

Consultas das 3 ás 6

ADA DO CARMO, 3 1.º (ao Rocio)

VERSOS DE OUTRO TEMPO

Duvida do tempo ingenuo

POR

Norberto de Araujo

A AUGUSTO GIL

Não sei
se a amei.
Sei que lhe tive amor,
e sei, porque o senti
a retalhar-me em dôr
aqui.
E' certo que o não vi
que isto de amor é mai que se não vê.
Entra dentro da gente
e fica-se doente
vá lá saber porquê.

Mas... porque tive amor
aquela flor,
amei?

— Não sei...

* *

Eu conheci aquela
linda menina, assim:
dois palmos de vestido.
Gostava muito dela,
gostava ela de mim.
Claro!
Quando se e novo, o amor correspondido
é menos raro.

E um dia...
— como me lembra a scena! —
surpreendi-a a chorar, e não merecia
a pena,
por um beijo, um só, que lhe roubou
alguem que ao tempo havia:
o meu Avô.

E vai... tambem chorei...

Oh! Foi decerto amor
que animou minha dôr.

Mas amei?

— Como? se nem ao menos fui eu que a beijei!

* * *

O Tempo e como a palha,
não falha:
Ou vai-se, ou arde,
e mais tarde.....

“Está para casar” — disse-me alguém um dia.

Achei bem e sorri
e até agradeci
aquela boa nova, a trémula alegria
da casta informação.

Era bela!
Então?
Alguem se apaixonou talvez por ela,
e casa... Porque não?

Mas nessa noite, eu só o pranto não se vê —
chorei, chorei, chorei!
Porquê?
Interroguei
de novo a minha dôr.

E' que eu tinha-lhe Amor!

Mas... amei?

— Não sei!

NORBERTO DE ARAUJO

HOTEL METROPOLE

Rocio, 20 LISBOA

Conforto moderno. Um dos melhores hotéis de Lisboa. Recomendado pela Sociedade de Propaganda de Portugal.

THEATRO SÃO LUIZ

EMPRESA A. RAMOS, LIMITADA

Concertos BLANCH

Domingo, 18—Matinée ás 3 horas da tarde

4.º concerto de assignatura da

ORCHESTRA SYMFONICA PORTUGUEZA

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

Extraordinario Programma

1.ª PARTE

I—OBERON Weber.

II—a) Melodia Schubert.

b) Momento musical

III—AVENTURAS DE TILL

EULENSPIEGEL, poema

syfónico em forma de rondo Strauss.

2.ª PARTE

IV—SYMPHONIA PATHETICA Tschalkowsky.

a) Adagio—Allegro non tr

po—Andante vivo.

b) Allegro con grazia.

c) Allegro molto vivace.

d) Adagio lamento.

3.ª PARTE

V—RICARDO LULIO, inter-

medio, (1.ª audição) Ricardo Villa.

VI—RIENZI, overture Wagner.

Bilhetes á venda

EDEN-TEATRO

— Empresa Henrique Barreiros, Limitada —
Comp. de revistas de ANTONIO MACEDO
de que faz parte o actor Nascimento Fernandes

Amanhã - 6.ª feira, 16 - Amanhã

2-SESSÕES-2

Primeiros espectáculos da revista.

TIC-TAC

com uma infinidade de numeros

NOVOS E ATRACTIVOS

MALANDRÓ E CONSERVADOR

— Nascimento Fernandes —

AS MODAS — O Fado dos Olhos

Encenação de Henrique Sant'Ana

Novo e riquíssimo guarda-roupa

Nova e deslumbrante montagem

POLITEAMA

Telef. C. 1028 A's 21,30

EMPRESA LUIS PEREIRA

COMPANHIA LUCILIA SIMÕES

sob a direcção de LUCINDA SIMÕES

1.ª representação em 4.ª recita de assi-

natura da peça em 4 actos original de

TITO ARANTES

EMIGRANTES

em que toma parte a actriz Lucilia Simões

e se estreia a discípula, 1.º prémio, do Con-

servatório, Georgina Cordeiro.

Encenação de Lucinda Simões

Domingo, 16—5.º concerto de assignatura pela

Orquestra Sinfonica de Lisboa

sob a direcção de

FERNANDES FAO

STORES DE MADEIRA

RUA DO SEculo, 140

EPISTOLARIO

UMA INTERESSANTE CARTA do grande tribuno José Estevam

escrita a uma religiosa dias antes da sua morte

O CONSELHEIRO LUÍS DE MAGALHÃES, FILHO DO ILUSTRE ORADOR, COMENTA PIEDOSAMENTE AS PALAVRAS DE SEU PAI

Meu amigo e collega.

Pede-me V. duas palavras que expliquem e commentem a carta de meu pai, cujo autographo me enviou e que tenciona inserir no «Epistolario» que o *Diário de Lisboa* vem publicando.

Como tudo o que dessa origem me provém, foi com verdadeira commoção que tomei entre as minhas mãos esse papel que passara pelas suas, contendo, traçada pelo seu punho, a expressão do seu pensamento e dos seus sentimentos. E essa referencia ao *Luiz*, que está muito gaiato, entrou-me no coração como a mais doce caricia paternal, que me viesse de além-tumulo, á distancia de já quasi sessenta annos!

Diz-me que, com certeza, Champollion não sou tanto a decifrar os hieroglyphos do *Egypto* como V. a traduzir a enigmatica graphia desse autographo.

Creio-o bem. Tenho variados autographos de meu pai,—cartas familiares, cartas politicas, livros de apontamentos, topicos de discursos,—e quantas vezes o amor e o interesse filiaes tiveram de desistir de descobrir o sentido desses sinais cabalísticos, que fazem o desespero dos mais habéis paleographos! Elle mesmo entendia mal a sua letra. «Antes de eu escrever—dizia—ha dois entes que sabem o que quero dizer: Deus e eu. Depois de eu escrever—só Deus o sabe!»

Por isso escrevia pouco. Ditava quasi sempre. E ditava de uma forma maravilhosa, pois fazia-o, simultaneamente, a tres ou quatro pessoas e sobre os assumptos mais diversos. Alguns dos seus mais bellos trechos de jornalista, como os admiráveis artigos sobre a morte da Rainha D. Maria II, do Duque da Terceira e de El-Rei D. Pedro V,—que são verdadeiras paginas de anthologia, grandes modelos de estylo e de linguagem—foram ditados. E essa prosa oral, como a dos seus mais celebres discursos, sahia-lhe dos labios bella, perfeita, harmoniosa, fulgurante, como se laboriosamente a houvesse facetado e polido, de penna na mão.

E' que o seu poder de expressão, orando ou conversando, era assombroso, deslumbrador. Dão-me disso entusiastico testemunho muitos dos seus mais illustres contemporaneos, oradores ou escriptores, que, na materia, foram autoridades: Rebelo da Silva, Antonio Ayres de Gouveia, Pinheiro Chagas, Bulhão Pato, Julio de Castilho, Freitas Oliveira.

A carta, que a V. confiaram para ser publicada, tem apenas o restricto valor d'um autographo. Nenhuma importancia como um dado autobiografico ou como um documento politico, nenhum merecimento sob o ponto de vista litterario. E' uma carta intima, em que apenas transparecem o bom humor e a jovialidade habituaes do seu character,—carta dirigida a uma senhora que elle muito estimava e venerava, e de quem ainda conservo vagas reminiscencias de infancia.

Data-a só do dia da semana em que a escreveu—uma quarta feira. Mas deve ser, com certeza, de Outubro de 1862,—quer dizer, dalgumas semanas ou dias antes da sua morte, que se deu, após uma curta doença, em 4 de Novembro seguinte.

Nesse ano, por motivos não só de ordem politica, mas também familiar, meu pai não poudo ir passar a época dos banhos á sua adorada Costa-Nova, ao pé da barra de Aveiro, a sua terra natal. Fomos para Cascaes. E essas continuas vindas a Lisboa por amor dos outros eram determinadas pelas circunstancias politicas do momento. Estava no poder o

ministerio Loulé, que elle apoiava e de que faziam parte amigos seus, como Braamcamp, Lobo de Avila, Mendes Leal. O governo atravessava um momento difficil, pensando-se n'uma recomposição na qual uma grande corrente do partido e alguns dos ministros, mesmo, julgavam indispensavel a sua entrada. D'ahi, a cada instante, o chamarem-n'o a Lisboa.

Outra causa das ausencias repetidas de Cascaes eram os trabalhos dos caminhos de ferro, então em principio,—melhoramento de que elle fôra um dos grandes propugnadores. Essa passagem da ponte do Tejo, que se ex-

perimentava ou inaugurava, foi a origem da doença que o victimou.

Meu pai foi sempre muito acessivel ao impaludismo, de que Aveiro era então, pela proximidade dos pantanos do estuario do Vouga, um foco terrivel.

Ao passar por um desses charcos miasmaticos, exclamava, um dia, num dos seus ditos costumes: «Lá estão ellas, lá estão as sezões, deitando as cabecinhas de fóra!...» Dessa excursão ribatejana voltou com febres palustres, as quais, aggravando-se, degeneraram numa sezão pernicioso, que, em poucos dias, o levou aos cincoenta e dois annos de idade, em plena força da vida.

Não sei o que seja o «Minoto» (se é isto o que essas indecifráveis letras querem dizer). Talvez o nome de alguma propriedade ou quinta, conhecida dos dois correspondentes. A expressão para diversos fins, não pode ser exacta quanto á derradeira palavra, para mim tão impenetravel como o «Minoto». A phrase, assim, é de uma obscuridade quasi sem sentido.

A passagem referente á numerosa frequencia eclesiastica de Cascaes parece-me, se me não engano, uma allusão á condição religiosa da pessoa a quem a carta era dirigida. Tenho ideia de que essa senhora, se não fôra freira professa, havia longo tempo vivido em clausura.

Ahi tem, meu amigo, o que lhe posso dizer sobre esse documento epistolar que, sem qualquer valor litterario ou politico, como já disse, nenhum outro mais tem senão o de ser de quem é.

Não deve elle interessar demasiado o publico, nem nada de novo ou de curioso lhe dirá sobre a personalidade do seu auctor. Para mim, porém, teve o seu conhecimento uma alta valia: revelou-me essa terna referencia á minha pessoa e o leve ressentimento paterno por se supôr menos querido do coração infantil desse filho de tres annos, que estremecia...

Ahi se elle pudesse, então, adivinhar todo o amor, todo o ardente e profundo culto de veneração, de admiração, de piedade filial que, na penumbra de rasto luminoso do seu nome, esse obscuro filho, em toda a sua vida, havia de consagrar á tradição e á memoria do seu coração de ouro, do seu character de bronze, do seu refulgente e nobre espirito, como Hercules o qualificou!... mas esses sentimentos só lh'os pude confessar, em tão longos annos, atravez da fria pedra da sua sepultura!

Desculpe-me esta bem natural e irreprimivel expansão, e aceite, meu Ex.^{ma} collega, a segurança da muita consideração a particular estima do

De V. etc.

Luiz de Magalhães

Minha S.^{ra} e Amiga

Lisboa 4.^a f.^a

Tenho andado a correr entre Lisboa, e Cascaes, por amor dos outros, que não de mim. Nestas idas, e voltas, apanho a minha constipação, defluxo, reumatismo, &c.

Sou por isto obrigado a interromper os banhos—Com estes transtornos ando mt.^o gordo, mas mt.^o quesilado—Para me desenfadar de tudo isto, atirei comigo ao caminho de ferro, e fui passar a ponte do Tejo—Passei no Minoto (?) e deu-me vontade de flôr lá.

Sempre tive esta manha de gostar muito d'andar pelas casas alheias para diversos fins (?) Hoje supponho que volto p.^a Cascaes e não saio de lá senão para as festas—Diga-me minha S.^{ra} se não vem



d'ahi para esse tempo—Em Cascaes está mt.^a gente—Freiras nenhuma—Conegos um de Evora—Arcebispos 3—e meninos do coro dusia e meia.

A minha companheira vai indo. A tosse ainda (não) deixou inteirar-me o Luiz. Está assás gaiato—Não é muito amigo do Papá, que é tão tolo que se incomoda com isso. A Maria da Fonte parece, que quebrou o cantaro. Espera-se que desta vez seja mal sucedida.

A D.^a minha S.^{ra} se eu estivesse nos meus tempos já tinha ido pela borda do mar a tomar banhos, a tomar mergulhos ahi—nessa praia, que se fosse limpa, era o melhor sitio (para) banhos, que se pode imaginar—Dê lembranças a seu Irmão e ao Irmão da sua amiga Cândida, que desejo tenha ahi achado um bom derriço—Ad.^a, escreva p.^a Cascaes ao

seu am.^o sincero

José Estevam

NACIONAL

Telefone

C. 2049

Enorme exito

HOJE—A festejadissima peça

CASA CERCADA

Empolgante entrecio — Scenas intensamente dramaticas — Brilhante desempenho — Grande aparato

A TOMADA DE JERUSALEM

pelos ingleses durante a grande guerra
O mais belo dos espectaculos — Conjunto verdadeiramente artistico

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

O mais grandioso exito — Todas as noites —

O mais alegre e divertido espectáculo — Uma

NOITE DE GARGALHADA

A engraçadissima farça

O Novo Testamento

Brilhante encenação — Magnifico desempenho de **LUZ VELOSO, Tereza Taveira, Teodoro Santos, Rafael Gomes, Salvador, Costa, etc.**

RIR RIR RIR

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

Chá das cinco

As joias

E' num jardim antigo com sombras de ciprestes, estátuas cansadas de sorrir, lágrimas de agua perdidas entre a folhagem. As rosas desvaneceram-se; lá ao longe, a cidade cobre-se duma neblina lucente.

Ao fundo do jardim, sentada num banco, sombrinha esquecida no regaço, ela espera-o. Está um pouco triste; o seu cabelo é folhagem morta, que a luz vai empalidecendo; seus olhos têm o brilho quebrado dos espelhos antigos; a sua boca é uma flor orgulhosa que sangra. Por detraz do banco, uma grande mimosa, opulenta. Ele vem, todo de preto, luvas de camurça, um sorriso desdenhoso nos lábios.

Conheceram-se ainda ontem no baile, e já hoje se amam! Tinha dançado tanto com ela! E que palavras! Que fogo! Que amor! Aquella, sim, compreendia-a...

A conversa arrasta-se. No silencio do jardim, a água tem lamentações de creança, perdida para sempre numa azinhaga sombria. Os ciprestes avultam; certo bambino de pedra, carcaz a tiracolo, espreita, no alto dum plinto, com um ar de comprometido. Perfume de flores; a água corre de invisíveis fontes.

Ele já a beija, segura nas suas, aquelas mãos pequeninas, cheias de pedras azues, vermelhas, amarelas, faiscantes. Calam-se agora as fontes; o bambino de pedra deixou na pedra o seu sorriso; harmoniosamente, tombam pétalas. Ela, compõe a atitude, como se estivesse pousando para Watteau. O rosto anima-se-lhe, um pouco incendiado nas faces; seus olhos são mais negros, na adivinhação da volúpia que a espera.

Sombras. Vae entardecendo. O jardim tem o encanto da neblina; a cidade perde-se de vista, ao longe, emburelada de trevas. Mais beijos. Um certo soluço de resistencia; ha uma renda que se rasga e uma mão voraz que alarga um decote.

De pé, ele beija-lhe a mão; compõe-lhe o vestido; ajuda-lhe a prender o cabelo, folha morta, já palida, vencida de côr. Tornam a cantar as fontes invisíveis; desapareceram as sombras dos ciprestes; o jardim é lindo, cheio de luz, do luar do crepusculo e do luar das flores, que entreabrem, vistosas, as suas corolas.

Abre-se uma porta; ele sae. Então, enquanto ela relembra a saudade do beijo dado e do não dado, seus olhos pousam sobre as mãos. Distraída, procura um anel; inquieta, procura outro; desesperada, não encontra nenhum. «Ladrão!», grita, chorando.

O jardim é uma mancha violeta, macerada. Há uma luz irreal que enaltece as árvores, as flores, o bambino de pedra que volta a sorrir.

Jorge Vaz

Professora licenciada

Foi concedida licença ilimitada á professora da escola de ensino primario geral de Tarava, concelho de Alfandega da Fé, sr.^a D. Irene do Ceu Novais.

Expedição de malas postais

Foi transferida para amanhã á tarde a partida dos vapores *Portugal* e *Dondo*, para os portos da Madeira, Cabo Verde, S. Tomé, Príncipe, Angola e Congo, para onde levam malas postais, cuja ultima tiragem da caixa geral está fixada para as 13 horas, fechando os registos ás 11.

Tambem pelo *Aguila* são expedidas malas para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, com o mesmo horario.

PELA APROXIMAÇÃO LUZO-BRASILEIRA

A IDA DO SR. DR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA AO RIO DE JANEIRO

Uma entrevista arriscada e curiosa

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL ABRE NO DIA 7 DE SETEMBRO
---DIZ-NOS O SR. CARVALHO DE AZEVEDO

A's 11 e três quartos o sr. Carvalho de Azevedo, director da *Americana*, vestia-se ainda vagarosamente. E' no Palace. Os senhores já sabem que há lá, um piano onde uma *miss* invariavelmente, loura e nostálgica, troca-teclas, toca Chopin; uma nuvem de *grooms*, qual deles o mais malcreado; um salão vistoso, onde *mapples* conversam, luz electrica chameja; varias senhoras, todas *silhuettes*, todas á francesa, no vestuario, na linguagem e nos gestos. Isto vem em todas as entrevistas, por aí publicadas.

O sr. dr. João de Barros, muito rapaz, mais rapaz que nós os de vinte anos, aparece sorridente, monocolo bem engastado na orbita e acompanhado de um amigo. A conversa atravessa o Atlantico, e o sr. dr. João de Barros dá-lhe o sentido preciso, encaminhando-a para o Brasil.

—Vai ou não vai ao Brasil, João de Barros?
—Se o sr. Presidente for... As viagens estão caras. Da primeira vez fui lá por 320 mil réis. Ida e volta. Agora custa cinco contos. (?)

Parece-nos que estamos em erro de audição. O sr. João de Barros talvez tivesse dito dez contos. Se houver erro, qualquer das *Malas* o pode rectificar.

Depois do Brasil, vem o sr. Cunha Lial. Todos o acham muito bom para presidente do ministerio. O sr. João de Barros, articulista da *Vitoria*, tem para o seu nome palavras de louvor. Opinião de poeta e de politico. A entrevista demora? Demora sim, porque o sr. Carvalho de Azevedo fez-nos esperar uma hora, cá em baixo no hall. Ele depois desculpou-se:

—Vieram tão cedo!
—O dr. dá licença que lhe roubemos o seu amigo durante cinco minutos?
—Pois sim. Vamos ao Chiado. No Rossio tomamos uma tipoia.

—Volta a Portugal? Demora-se?
—Não! Eu não posso sair do Brasil sem vir a Portugal visitar os amigos. Parto na quarta feira para Paris.

Atravessamos a ante-gare do Rossio, isto é, o largo do Camões. Junto á casa dos automoveis, propomos de seguida ao sr. Carvalho de Azevedo duas duzias de perguntas. Ele já vai muito carregado com o seu charuto. No entanto, na imminencia de nos ser arrebatado, pretendemo-lo fortemente com as grilhetas da entrevista: as perguntas.

—Quando esteve em Lisboa da primeira vez fiquei muito bem impressionado com todas as entidades politicas...

—Do presidente da Republica...

—Adquiri a convicção que ele vai ao Rio, quando da celebração do nosso centenário. Nem se compreendia a Festa da Independencia sem ele.

—A sua recepção será mais entusiastica que a do rei Alberto?

—Aqui temos a tipoia! exclama João de Barros, vitorioso. Pilecas brancas e moles, cocheiro Mouraria tipica. Varino; chapéu de roda; chicote de cabo de ôsso; pita extensa e o *vamos lá amiguinhos*. Esta tipoia tem uma tragedia, que virá a seu tempo.

Sentados os quatro nas almofadas do trem, trepa-se o Chiado.

—Sr. Carvalho de Azevedo: acredita que a grande Exposição do Rio aproximará ainda mais as nossas duas pátrias?

—Não! Já não é possível aproximá-las mais. Há tantas e tantas afinidades.

Grandela, Chiado; taboetas douradas; vivos sangrentos de anuncios; ao voltar, o policia, especie de limpa-agulhas do transitio.

—Portugal está bem representado na Exposição?

—Francamente, não sei... Deve estar.

Agora, sim, vem a tragedia da tipoia. Ao pé do Jeronimo Martins as pilecas têm um sério conflito com as pedras da calçada. Tranços, galões, pernas em falso, e nós todos começamos a oscilar perigosamente. O cocheiro vergasta fortemente os animais. Choramos por Portugal.

A tipoia desacreditava o pais e a nossa civilização em frente dum estrangeiro. Falta de patriotismo, por parte dos animais. O que vale é que o sr. Carvalho de Azevedo é verdadeiro amigo da nossa gente e salta lesto da carruagem, clamando:

—A calçada está excomulgada!

Prudentemente seguimos o exemplo do nosso entrevistado. A roda os *badauds*. Vem o moço, depois o policia; o caixeiro da mercadoria; três senhores de côco, e um sargento da C. N. R. O Chiado para. Somos uma *vitrine*. João de Barros salva a situação pagando ao cocheiro.

Segue a entrevista, agora a pé.

—A exposição faz-se mesmo dentro do Rio. O governo mandou arrazar um grande morro e fazer um grande atêrro. Deve ser colossal.

—E quanto tempo está aberta?

—Desde 7 de Setembro a 31 de Dezembro. Pode ser prorrogada.

O sol tem uma caricia leve e sorridente de beijo. Ceu pálido, lá ao alto, a correr brando, entre os telhados. Cada um contempla o que mais lhe agrada. E como o sr. Carvalho de Azevedo estivesse namorando gulosamente o sol, que é coisa que se pode namorar sem posturas municipais, nem *ad-valorem*, restrictivo, exclamou contente:

—Que sol, hein! Lembro-me de Sintra, quando estive no Laurence.

Falou-se um pouco da politica do Pacifico, Estados Unidos, Quadrupla «Entente», Republicas centrais. O sr. Carvalho de Azevedo é de opinião, que os Estados Unidos não verão de bom grado uma aproximação entre todas elas.

O sr. João de Barros, que ia á frente, quis biografiar amavelmente o entrevistado.

—Quando Portugal enviou na guerra o Carvalho Azevedo entrou um delegado da Agencia Americana ao nosso front. De lá, esse delegado enviava todos os dias um comunicado especial, que não vinha do nosso comando e que era reproduzido por toda a imprensa do Brasil. Prestou assim um grande serviço a Portugal. Sem retribuição, claro.

—Pois meu amigo, aqui tem o que lhe posso dizer. Vim ver os conhecidos. Parto. Cumprimentos para todos.

E o sr. Carvalho de Azevedo desceu a rua Serpa Pinto. O sr. dr. João de Barros e o seu amigo tambem.

Subimos. Ha tipoias que matam; outras que salvam. Aquella, a do desastre, tinha salvado a entrevista. Sem ela, não chegaríamos a ter duas colunas do jornal. Porque o sr. Carvalho de Azevedo ia com tanta pressa e disse tão pouca coisa...

OS CRIMES DO PASSADO

Como se provocava em 1788 a denuncia dos criminosos

Um curioso edital de Pina Manique --oitenta moedas--o preço da traição

O pais, nos fins do seculo XVIII, não estava ainda inteiramente limpo de bandoleiros. Não eram já, é certo, aqueles ferozes salteadores medievais, amaltados em verdadeiras guerrilhas, contra quem eram impotentes as legislações repressivas de D. Diniz e do rei justiciero. Não. A pequena população do pais, as continuas lutas internas e externas e sobretudo a falta de grandes vias de comunicação e as florestas que cobriam dois terços do territorio, favoreciam os caçadores de viajantes transviados e desacompanhados de homens de armas.

No tempo em que o documento abaixo transcrito foi afixado nas esquinas da Lisboa da Senhora D. Maria I, Portugal, apesar da insuficiencia de estradas e policiamento, não era já o tremebundo o incerto territorio que se percorria dantes entre chuços e bacamarres, com testamento aviado antes de sair de casa. Tinham passado na administração publica os D. João II, os Castelmelhor, os Marquês de Pombal.

Diogo Inacio, o benemerito illuminador de Lisboa, o fundador da Casa Pia, Mecenas de sabios e de artistas, alguma coisa fez por seu turno. Se os ladrões dos Aciprestes e de Sete Rios foram gançados, certamente só para esparnear na força lhe terão saído das unhas.

DIOGO IGNACIO DE PINA MANIQUE, FIDALGO DA CAZA DE SUA Magestade, DO SEU CONSELHO, E SEU DESEMBARGADOR DO PAÇO, INTENDENTE GERAL DA POLICIA DA CORTE E REINO, ADMINISTRADOR GERAL DA ALFANDEGA MAIOR DESTA CIDADE DE LISBOA, E FEITOR MÓR DAS MAIS DO REINO, &c.

Faço saber a toda a Pessoa que vier declarar a esta Intendencia em segredo quem são os Ladrões, que roubarão na route de 25 do prezente a hum Cadete do Regimento de Torres Novas, que vinha em huma seje de aluguer, pelo sitio dos Aciprestes, e atacarão outra seje para o mesmo fim no sitio de Sete Rios, sobre a qual descarregarão dous tiros, se lhe dará de premio oitenta moedas de ouro de quatro mil e outocentos réis, fazendo certo as identidades dos mesmos Ladrões, para serem apprehendidos, e dos trastes roubados, ficando livre de haver procedentes contra aquelle, que sendo sócio dos mesmos Ladrões, os vier declarar, e se lhe entregará o premio da oitenta moedas, em segredo na Secretaria da Intendencia. E para que chegue á noticia de todos, mandei publicar, e afixar o presente nos lugares publicos desta Corte. Dado em Lisboa, aos 27 de Agosto de 1788.

Diogo Ignacio de Pina Manique,

Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor de Emin. Senhor Cardial, Patriarca Eleito.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Ministerio da Agricultura

Supressão de lugares vagos...

Já foi assinado pelo chefe do Estado o decreto que suprime os seguintes lugares no ministerio da agricultura: um inspector geral, na inspecção geral de agricultura; seis engenheiros agronomos e seis medicos veterinarios, no quadro dos engenheiros agronomos; tres analistas, dois preparadores e trinta e dois agentes de fiscalização principais, no quadro do pessoal auxiliar; quatro officiais, sete Aspirantes e duas dactilografas, no quadro do pessoal administrativo, e cinco serventes, no quadro do pessoal menor.

Todos estes lugares estavam vagos.

Café -- MALTE -- "VATEL"

PROVEM OS DELICIOSOS BOLOS DO



CHIADO, 30 **Tel. 210-C.**

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

UMA REUNIÃO DE ARTISTAS

No banquete de homenagem
ao distinto pintor João VazDois discursos futuristas: de José
de Almada Negreiros e dr. Raul Leal

Os artistas novos ofereceram ontem ao distinto pintor João Vaz, do glorioso grupo do Leão, um banquete que decorreu o melhor possível, em que se trocaram alguns brindes interessantes. O sr. dr. Raul Leal disse:

Este banquete em honra do grande pintor, que é João Vaz, representa para mim a união absoluta, absolutamente sintética do Passado e do Presente. São diversos os aspectos da Existência Divina e dispersam-se no espaço e no tempo. Ora dessa dispersão devemos sair, reunindo os membros de Osiris de forma a estabelecermos uma síntese total feita de tudo que passou e de tudo que existe ainda. Essa síntese do Passado e do Presente, formando tudo, formando o Infinito, está-se realizando aqui simbolicamente e é necessário compenetrar-nos de que o fim fundamental deste banquete é criar o Infinito.

O nosso brilhante colaborador José de Almada Negreiros pronunciou o seguinte brinde:

Podendo não ser exactamente apreciada a minha presença neste jantar, exige a minha vida que eu diga perfeitamente o que se passa.

Quero dizer em voz alta que não é por nenhum sentimento de simpatia ou de camaradagem que me encontro aqui entre vocês; eu não saberei participar de nenhum sentimento de delicadeza ou de sociabilidade a não ser quando seja a própria essência destes sentimentos o que os outros tragam para trocar comigo.

A mim não me atingem de maneira nenhuma convicções ou sinceridades, por mais heroicas que se proclamem, por mais elegantes que se apresentem.

Eu tenho ainda na boca o amargo das convicções e das sinceridades.

Eu aprendi com os conselhos de Deus a estar só e inocente.

Eu não odeio nem estimo ninguém, eu sei exactamente o que quero!

Eu não prefiro nem desprezo nada, eu sei exactamente o que faço.

Eu não tenho desejos nem remorsos, eu sou homem do meu século, eu conheço exactamente todos os números!

Eu não sou pessimista nem optimista, entre mim e a vida não há nenhum mal-entendido,

eu sou exactamente um homem do nosso século!

Eu não acuso nem defendo ninguém.

Deus sabe muito bem onde me pôs e eu sei exactamente onde Deus pôs os homens e as coisas!

Portanto, se eu hoje me encontro aqui entre vocês, num jantar publico de homenagem (terrível palavra homenagem), a minha presença não pode de maneira nenhuma ser apreciada ligeiramente.

MORTE SUBITA

Morreu ontem, no hospital de S. José, pouco depois de ali ter dado entrada, um homem que foi encontrado sem fala. Vestia pobremente e aparenta ter 25 anos.

A noite tragica

Continuam as investigações

O sr. dr. Barbosa Viana, director da P. S. E., começou hoje a tratar da elaboração do processo referente ás investigações a que procedeu ácerca dos atentados na noite de 19 de Outubro, no Arsenal de Marinha. O processo é bastante volumoso, devendo estar concluído na próxima semana.

Interrogou o grumete n.º 7051, Anibal Pereira, que ha muito tinha ordem de prisão, não tendo ainda sido detido em consequência de se achar em serviço no Porto, de onde chegou ontem.

MELHOR QUE AS "MIL E UMA NOITES"...

UMA REUNIÃO COMPROMETIDA OU
COMO SE FABRICA UM MINISTERIO

Um reclame gratuito ao teatro Apolo

AS ATRIBUIÇÕES DO SR. DR. VASCO FERNANDES E O ANTI-CUNHALEALISMO DE ALGUNS REVOLUCIONARIOS

Às 13 horas precisas, enquanto guardávamos na algibeira o jornal da manhã que anunciava a reunião dos outobristas destinada a, segundo um aviso escrito á pena e ontem á noite colado na *Brazileira*, na hombra de uma das portas, resolver a situação política, demos entrada no teatro Apolo. Portas fechadas, um ar de normalidade que bastante estranhámos.

— Então, os revolucionários? — inquirimos de um empregado.

— Os revolucionários? Ah! já sei, os jornais falam nisso... Mas nós não sabemos nada. Dentro em pouco deve começar o ensaio da revista *E' o levas*...

— !!!

— E' como lhe digo. Até nos desagrada esta cousa de reunião, porque desacredita a casa. Um sarilho.

Olhámos em torno de nós. De facto, nada, absolutamente nada, prenunciava a reunião de que, segundo as intenções manifestadas pelos seus promotores, devia sair a salvação da nacionalidade. Nisto, surge um marinheiro de côr, cabo por sinal. E' revolucionário e, no seu português ainda atabalhoado, faz perguntas idênticas ás nossas.

— Mas não há autorização... Não sabemos...

Uma da tarde e quinze minutos. Contemplamos com uma filosofia em que pretendemos afogar o aborrecimento daquele insipido quarto de sentinela, a rua da Palma e o seu movimento. Carroças, electricos, peixeiras e, entre essa turba-multa de objectos e gentes varias, revolucionarios de diversas patentes e estados civis, que se aglomeram ás portas do Apolo e comentam a situação.

A um canto, o sr. alferes Matos Cordeiro gesticula desesperadamente, enquanto o ex-alferes da G. N. R., agora do exercito, sr. Pimenta, acolhe sorridente as suas considerações. Entretanto, vamos ouvindo um revolucionario de estatura diminuta, mas republicano hipertrofiado, sobre o momento politico:

— O Cunha Leal, presidente do ministério? Isso! Os marinheiros e a guarda não querem...

— Mas repare que o sr. Presidente da Republica é que o chamou para constituir governo...

— Pois o mal foi, em 19 de outubro, deixá-lo na presidencia. Uma falta de energia condenável. Veja lá o Sidónio! Bem se ralou em pôr a andar o Bernardino, que, além de presidente, era intervencionista. O Cunha Leal! Mas se vai ser um grande morto numero dois...

Agora, os outobristas, somados, já atingem a casa dos trinta. Ha um tenente-coronel, cinco sargentos da marinha, três alferes do exercito.

— E os officiais da G. N. R.?

— Não veem. Não podem vir.

— Porquê?

— E' que o Cortez dos Santos, o chefe do Estado Maior, comunicou-lhes que, a apparecerem, seriam presos. Isto está impossivel. Fizemos o 19 de Outubro e afinal...

Os do Apolo continuam a não querer ceder a casa. Cada um dispõe do que é seu... Os revolucionarios, que já passam de quarenta, para o que muito contribuiu a chegada de seis marujos sem graduação, acolhem placidamente a situação.

— Onde reunimos? — pergunta-se.

Uma ideia brota, luminosa: — Ali em baixo, no Centro Antonio Maria Baptista.

— Onde é isso?

— Ao pé da Praça da Figueira.

Do grupo revolucionario, destacam-se alguns adeptos da ideia, que seguem, lepidos, anjo de Mendonça.

caminho do mercado. No passeio fronteiro, há gente pacifica que analisa aquele desusado movimento.

Divisamos, ao longe, três policcias. Fardas limpas, um certo apurmo no andar. Trazem uma corôa, com fitas encarnadas e verdes.

— Mas isto, afinal, é alguma manifestação funebre? — inquirimos.

O sr. dr. Vasco Fernandes, que, por motivo disciplinar, se encontra preso com homenagem na cidade de Lisboa, aparece em scena, açodado.

— Que fazem aqui?

— O Apolo não quer abrir. Vamos para o Centro Antonio Maria Baptista.

— Isso não presta. O melhor é reunir no quartel da Rotunda. Já para lá foram officiais... — replicou com certo ar de comando o clinico ilustre.

Um tenente-coronel com muitas medalhas, que, com o maior interesse, tem acompanhado estes episodios, interpele:

— O que temos a fazer é redigir um manifesto, explicando ao povo as bandalheiras que se têm feito. Mesmo, precisa estar prevenido para o que vai succeder... Reuniões...

— Tem a palavra o sr. dr. Vasco Fernandes: — Mas é que tenho ali o automovel. Vamos todos para cima. Toca a ir para a Rotunda.

O grupo que se formou em torno do medico ex-colonial acompanha-o, rua da Palma abaixo. Ele murmura, minuto a minuto:

— Tenho ali o automovel. E' um instante. Um instante...

Mas um civil lembra:

— O doutor! Se calhar a nós, paisanos, não dão entrada lá no quartel das metralhadoras.

— Sim. E' natural...

— Então...

Em resposta um gesto que denota certa indiferença, senão falta de apreço.

São duas horas da tarde. O jornal esperanças. Também a reunião, agora, já não oferece qualquer interesse. Ou no Centro Antonio Maria Baptista ou no quartel das metralhadoras que ela se effectue, de qualquer forma o nome do sr. Cunha Leal será reprovado pelos outobristas, que o repelem com uma energia em que ha um certo receio.

Caminho da redacção, em passo gymnastico. De passagem, olhámos a *Brazileira*. Está quieta, quietissima. Também, não admira. Hoje é dia de trabalho para a habitual clientela... — S. P.

Da empresa do teatro Apolo recebemos a comunicação seguinte:

Tendo sido publicada nos jornais de hoje, uma local annunciando uma reunião de revolucionarios de 19 de Outubro, no teatro Apolo, sem que para tal tivessem autorização, fazemos publico que tais reuniões não se podem effectuar por quanto o contrato entre a empresa e o arrendatario do teatro não permite reuniões politicas.

Na G. N. R.

Um inquerito aos serviços de saúde

Foi nomeado por indicação superior o tenente-coronel de artilharia sr. Justiniano Esteves para proceder a um auto de averiguação ácerca dum incidente ocorrido nos serviços de saúde da G. N. R., serviços que há um ano estão confiados ao major graduado sr. Antonio da Silva.

Os Teatros

A "première" de hoje

No Politeama effectua-se hoje a primeira representação da peça «Emigrantes», original do novel escritor dramático Tito Arantes. Estamos, pois, a 15 de dezembro do ano de graça de 1921. Pois o «Diário de Notícias», na sua secção teatral, de hoje, já diz o seguinte:

«Na peça «Zázá», a subir á scena no dia 22 do corrente, em recita extraordinária, no Politeama, a actriz Lucinda Simões fará a personagem «Anaís», estando o papel de «Zázá» a cargo de Lucília, e os de «Dufrêne» e «Caseard», respectivamente, de Erico Braga e Ribeiro Lopes.»

Quere dizer que a empresa «decretou» já para a peça de Tito Arantes um successo que não irá além de sete representações. Como medida de protecção aos originaes portugueses, não é positivamente uma attitude brilhante...

Atrás do reposteiro

Ingressou na companhia Alves da Cunha, devendo já seguir para o Porto, o actor José Sampaio, pai da actriz do teatro Nacional Maria Sampaio.

— Chaby Pinheiro tem quasi remodelada a sua companhia, que debutará brevemente no teatro Sá da Bandeira, do Porto, onde demorará dois meses.

— O motivo do incidente entre os srs. José Pontes e Ricardo Covões, actual director do Coliseu dos Recreios, anda á volta de uma reclamação do primeiro, que exige, a título de indemnização, a quantia de sete contos, parece que sem grande razão jurídica em que se apoie.

— Diz-se que uma das peças do repertorio do teatro Nacional, no Carnaval, será o primeiro original de André Brun, «O Pote d'Almas», representado há 20 anos na Rua dos Condes, pelo falecido actor Vals.

— Só hoje, no ensaio geral da revista «Tio-Tac», de que o Eden vai amanhã fazer «reprise», se poderá aquilatar do valor e da graça de alguns numeros novos, visto que até agora os seus interpretes se tem limitado a «trezar» os papeis.

— Foi ontem muito comentado nalguns palcos o facto de se ter inaugurado um centro politico num predio onde está instalada uma casa de espectaculos, cujo sephorio é, igualmente, empresario de um teatro que recentemente foi alvo de uma polemica judicial.

— Estreia-se hoje, no Coliseu dos Recreios, a «troupe» de excentricos saltadores de toneis, Loupe and Ladies, um homem e duas senhoras.

— Do repertorio de Rafael Marques, na sua «tournee» ao Brasil, fazem tambem parte as peças: «Othello», «D. Cesar de Bazan», «O ladrão» e «Rajada».

— Segundo o nosso colega «A Manhã», a exploração do Chiado Terrasse com uma companhia de revista iniciar-se-ha no começo do proximo ano, com uma empresa de que serão socios os empresarios Artur Emauz e Macedo e Brito. Tambem disputam, segundo nos consta, o mesmo teatro os empresarios Antonio de Macedo e Diamantino Delgado.

— Diz-se que a revista «P a-pá, Santa Justa», com destino ao actor Nascimento Fernandes, vai ter um novo colaborador, nosso colega de imprensa.

— Estreia-se depois de amanhã, no teatro S. João, do Porto, a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, com a peça regional «Os Lobos». Angela Pinto e Maria Judice da Costa seguem amanhã para Coimbra, onde a companhia se encontra actualmente, para interpretar os seus papeis nas peças «O Regresso» e «Os Sedutores». Além dos quatro espectaculos que tenciona dar em Coimbra, a companhia dá mais dois a pedido de alguns estudantes.

RECLAMES

Nacional—Repete-se hoje a peça «Casa cercada», cujas representações têm despertado o maior entusiasmo e atraído enorme concorrência.

Politeama—Estreia-se hoje neste teatro a peça de Tito Arantes, «Emigrantes» que deve agradar aos reser-

vas.

Apolo—Continuam as enchentes quodilianas desta teatro, com a revista «Gato por lebre».

Avenida—Realiza-se hoje a ultima recita da moda, com a magnifica opereta «Uma viagem á China».

Coliseu dos Recreios—Continua o grande exito de todas as novidades apresentadas pela variada companhia de circo.

Salão Foz—O grande successo da «Bichinha gata» não permite, por enquanto, a sua substituição por outra peça já em ensaios.

Chiado Terrasse—Repete-se hoje a divertidissima farça «Novo Testamento».

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectáculo.

Nacional—A's 21—«Casa cercada».

S. Luis—A's 21—«Jardim de Aspasia».

Politeama—A's 21,15—«Emigrantes».

Avenida—A's 21,30—«Uma viagem á China».

Apolo—A's 21,15—«Gato por lebre».

Chiado Terrasse—A's 21—«O Novo Testamento».

Eden-Teatro—Não ha espectáculo.

Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Bichinha Gata».

Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Grande companhia de circo.

Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«A Tosca».

Teatro dos Anjos—A's 20,30—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco».

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).

Cinema Condes (Avenida da Liberdade).

Salão Central (Praça dos Restauradores).

Salão Ideal (Rua do Loreto).

ANIVERSARIO

— POR —

Cardoso Martha

Quando num dos arrufos que eu costume
vêr-te já sem alarme,
dêsses que passas, breves como o fumo
ou como as aves que já levam rumo
juraste abandonar-me;

Quando, pôsto o chapéu, veiu um rapaz
buscar o que era teu
(e eu incrédulo, a rir:—Tu voltarás!)
e tu partiste, sem olhar atrás —
—sabes o que fiz eu?

Disse ao meu coração:—Esquece e canta!
Canta a vida e o amor
e o sol, que cada dia se levanta!
E' uma mulher a menos, e êle ha tanta!
Esquece-a, que é melhor!

E o coração lembrava-se... e chorava.
Chorava, pobre amiga,
lágrimas que eram fogo, que eram
que me caia n'alma, e estuava
como uma fúria antiga...

Faz hoje um ano... Um ano! E o esquecimento
inutilmente o espero!
Tua lembrança é como um fogo lento
ardendo sob as cinzas—meu tormento
e eterno desespêro!

Pois como ha de esquecer a minha bôca
os beijos que lhe dêste
quando, contra o meu peito, como louca,
gritando amor, desalinhada e rouca,
morreste e reviveste?

Como, se a minha carne ainda palpita
co'a lembrança da tua,
hei de esquecer a dádiva infinita
dos teus segredos íntimos, Mylita
voluptuosa e nua!

Eu lembrarei, enquanto nesta roda
dos anos vivo fôr,
as horas em que tu te davas toda
como se fôra a misteriosa boda
entre a Morte e o Amor...

A Morte! E sei eu lá se ainda existes!
Eu só sei—isso sim!
que desta vista ou doutra aonde assistes,
vem teu vulto apagado, em noites tristes,
sentar-se junto a mim!

Mas não é esta a minha antiga Amante!
E' outra, é outra agora!
Que é feito dela, a face radiante?
Não se lhe alteia o peito palpitante
e em vez de sorrir, chora!

Tu choras, minha Amiga? E porque choras?
Porque eu choro também?
Por não poderes voltar? Porque são horas
de ir ter contigo ás terras onde moras
neste mundo, ou Além?

Não voltes torturar-me. Séco, enfim,
os olhos lacrimantes.
Não voltes, não. Mais quero vêr-te assim,
como ainda te vejo dentro em mim,
como tu eras dantes!

Figueira da Foz, 1910.

M. Cardoso Martha.



Instalações eléctricas

Orçamentos grátis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telef. C. 5430
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

A PARISIENSE

60, RUA NOVA DO ALMADA, 60

:: Guarda-chuvas, galochas
para homens e senhoras. ::
:: Flanels, o que há de mais
chico. ::
:: Sabão Dog-Soap, verda-
deira especialidade para
animais ::
:: Completo sortido em ca-
misaria. ::

DR. ARBUÉS MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÀS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77. 1.º

UM SONETO

MINERVA

POR

João de Barros

a Costa Nearchos Ouranis



Clara e serena luz da Inteligencia,
Harmonioso e limpo fulgor,
--- Madrugada na sombra da existencia
Rompendo mesmo sobre a propria dôr...

Unica forma, que é sómente essencia,
Unica planta, que é sómente flôr,
--- Pureza ainda maior do que a innocencia,
Nudez que resplandece de pudôr...

Divina face da certeza humana,
Com seu profundo olhar, que não engana,
E a voz do amor que não mentiu jámais,

--- Dá-me a austera alegria do teu beijo,
E ergue o lume rasteiro do desejo
Na chama das Ideias imortais!...

JOÃO DE BARROS

VILANCETE

por Maria de Carvalho

Passa tão depressa a vida
Que não chego a perceber
Se vale a pena viver

As horas são vagarosas...
Passam mais depressa os dias!
Passam maguas, alegrias
E loucuras amorosas.
Passam lagrimas saudosas...
Pois tudo passa a correr
Nêste engano de viver!

Devagar passam os dias...
Passam mais depressa os anos!
Passam venturas e danos,
Passam as almas sombrias
Condenadas a sofrer...
E os pobres corpos humanos
Fatigados de viver!

Passam anos, lentamente...
Passa mais depressa a vida!
Tudo passa nesta vida,
Tudo esquece e tudo mente!
Passa tudo quanto sente...
E não chego a perceber
Se vale a pena viver!

Maria de Carvalho

LABORATORIO DE FARMACIA

— DO —

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

— RHEUMA —

(XAROPE PEITORAL)

DE RESULTADOS INFALIVEIS NO TRATAMENTO DE:
AFECÇÕES DOS ORGÃOS RESPIRATORIOS. CONS-
TIPAÇÕES, BRONQUITES, TOSSES, GRIPIES, ETC.

FARMACIAS: } R. NOVA DO ALMADA, 88—LISBOA
 } R. DOS CLERIGOS, 36—PORTO

NOTURNO

— POR —

Alves Pereira

Meu Amor, meu Amor.

Chega ao meu corpo mais esse teu corpo em flôr!

Aconchega-te a mim, olha, não tremas tanto
Sou frio, no desconforto
De tudo que nos cerca, tudo quanto
Nos deixa o peito absorto,
Pela tristeza imensamente compungente
E dolorida.

De ainda não ver florindo, á nossa frente,
O caminho do Amor que crusa a nossa vida?

Ah! Tu bem vês que eu cada vez te adoro mais,
E sempre mais ainda...
Aconchega-te a mim, olha, não vês
Sózinha, como ias, Minha Linda,
Pálida e triste, a caminhar para o futuro,
Sobre um deserto adusto e desampado:
Repara... vê, não é já tudo-escuro,
Tu vais comigo ao lado!

Chega o teu corpo ao meu, uma tremura
Aquece-o junto do meu, entre os meus braços,
E tu verás, Amor, que a noite escura
Ha de ser linda sob o luar das meus abraços.

Olha-me assim e fita assim o teu olhar
No meu olhar e dá-me as tuas mãos... Deceia
—Tu és a Natureza toda a palpar—
Morre-se tudo mais:

Ficamos só nós dois

Mário Alves Pereira

GARANTIA

Companhia de Seguros

Fundada em 1853 — Sede no PORTO

(Capital próprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921

Esc. 7.973.798\$76,3

Capital — MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

EFFECTUA SEGUROS:

Terrestres,

Agrícolas,

Industriais,

de automoveis,

Trespasas,

Marítimos e minas

— Seguros de vida —

AGENTES:

José Henriques Totta, Ld.ª

Banqueiros

Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

AO HERPETOL



Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo
provoca um immediato bem estar. Após poucos dias de
tratamento o padecente vê em via de cura todos os
casos de eczema humido e seco, crostas duras,
espinhas e erupções.

A comichão desapareceu como por encanto.
Em alguns casos uma só applicação é o bastante para
uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as mo-
lestias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas,
acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ar-
dencia na pele e as causadas por mordeduras
de insectos. Não hesite e compre sem demora um
frasco, que se vende nas principais farmacias e nos de-
positos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua
Passos Manuel, 65.

DO CHIADO AO ROSSIO

Uma viagem pelos cafés de Lisboa

O jornalista, de braço dado com o leitor, comunica-lhe as suas opiniões ácerca das "Brasileiras", do "Martinho", do "Chave de Ouro" e do "Italia"

DE COMO SE RESOLVE A SORTE DA NAÇÃO, ENTRE UM CAFÉ E UM COPO DE AGUA

Quando a tarde é escassa em notícias e meses no ano. De resto, a normalidade da o Miguel, chefe da nossa tipografia, suplica alguns *linguados* com que entreter a voracidade dos tipógrafos, o *reporter* já sabe o que tem a fazer: — pega no chapéu e, no seu andar vagabundo, passeia o ar eternamente distraído pelos cinco cafés em que é certo encontrar, senão novidades de vulto, pelo menos boatos besuntados de maquiavelismo nas chicanas do precioso líquido. São cinco, disse-mos: as duas *Brasileiras*, o *Chave de Ouro*, o *Italia* e o *Martinho*, que é o veterano. Há ali de tudo. Intriga política, questões teatrais, a revolução social confinada a uma mesa de seis pessoas e, quando esta falta, conspirações em surdina, marca *Made in Portugal*. . . Hoje que o dia está frio e o número especial do *Diário de Lisboa* se avizinha não a passos de gigante, mas a rotações da rotativa — passe o quasi pleonismo — arrastando na cauda a tarefa indesejável de preencher com prosa pouco castiça uma das suas numerosas páginas, o jornalista vai apresentar os seus leitores de acaso com a resenha das virtudes, vícios, e características dos cinco estabelecimentos que, na sua qualidade de aficionado da *biquinha* e do *pingado*, linhas acima tão levemente enumerou. . . E' um assunto que, tendo fumaças de ovo de Colombo, não é de todo descabido. . . Concorram?

Logo a seguir á *Havaneza*, um dos raros centros de cavaco da Lisboa do último quartel do século XIX. a *Brasileira* do Chiado apresenta-nos as suas vitrines ornamentadas com latas de goiabada e chá *mate* e o convite suspeito da porta pintada a negro, a modos de loja de cangalheiro. Há um balcãozinho à esquerda, aonde, por entre meios quilos do autêntico café de S. Paulo e montículos de tapioca, pontifica *melame* Shakespeare que, não tendo escrito o *Hamlet*, conhece em compensação a arte de fazer emburlos com certo geito. Depois, a treva. . . E' um café sem respiração, sem luz, sem higiene, o chão tapetado de escorrecências suspeitas, arremessadas pela rua. as paredes inspirando repulsa nos seus *panneaux* pelintres, pincelados por qualquer brocante dos Bairros Sociais, que até logrou transformar numa chavena de cacau a bacia do Guanabara. De verão, á tardinha, quando os *ateliers* e as lojas da Baixa fecham o dia, muitos dos frequentadores da *Brasileira*



cocegam as costas de encoimadas vitrinas da fachada á espera do destilar das nossas costureirinhas que tendo logrado já um pouco da *linha* que distingue a clássica *grissette* de Paris, essa *grissette* que nunca deixa de aparecer nos folhetins dos rotativos ex-cinco centimos, lhes oferecem a sobremesa da sua passagem rápida, reservando a suculência do prato de resistência para os enamorados de intenções averiguadas. . . Isto, seis

pelas trazeiras da *Brasileira* do Rocio. Eis o foco, eis o vulcão! Casa ampla, bem servida de ar e luz, ao contrario da do Chiado, talvez por destinada pelo acaso ao uso dos intelectuais, nela se açambarcam, de ha anos a esta parte, uma boa dose dos destinos nacionais. . . A sua celebridade, feita de um exagero de republicanismo misturado de uma turbulencia que, por vezes, tem hospitalidade ampla nos artigos doCodigo, estende-se hoje a todo o país. Constitue um espectáculo curioso passar por esse café á noite, numa fugida, e analisar a assistencia. Ha marujos que discutem com ardor maior as *nuances* politicas do regime que os problemas nauticos. A's vezes, na mesma mesa, acotovelam-se com um ou outro sargento e com civis cuja missão não é, precisamente, orvalhar a terra com o suor dos seus rostos. A G. N. R., tambem se faz representar. Quatro, seis officiais, são

O Metzner, por exemplo é um dos frequentadores mais certos. Tristonho sempre, roído pela doença, velho nos seus 33 anos de idade, ele lá se entretém, horas sem fim, falando da proximidade



da revolução social. No espaço, constroem o seu edificio de hipoteses. A Alemanha bolchevisada. A França, o formidável tampão conservador de hoje, a secundar esse gesto. Depois, a Italia, a Espanha, nós. . . E nos seus olhos negros, mortos para qualquer outra paixão, fica a arder, após uma palestra destas, a tinta vermelha, sanguinea, de tão hipotéticos dias de ajuste de contas. . . Comovintes certos. E um Cristo de sobretudo e chapelinho negro, que traceou as ruelas de Jerusalem pelo bico sem saída da *Brasileira* do Chiado. O monarchismo, tanto manuelista, como integralista, está tambem representado. O Felix Correia, moço e cheio de vida, a falar-nos do seu nacionalismo realista com uma gravidade infantil cortada por sorrisos enigmáticos que transparece a superioridade de crença e a sua qualidade de redactor da *Monarquia*. Ainda apparece o sr. Carvalho da Silva, duas vezes deputado monarchico dentro da Republica, o certo, o inevitável procurador dos senhores nas suas questões com os inquietos. Tão certo, tão inevitável, que ha quem o compare a um predio da reconstrução pom-balina, de fabrica solida e sem musgo no telhado. . . Ha republicanos, muitos. E para desaccar: Ponto de Lima, sempre muito grave, linha de monge perdido no século, discreto eando sobre a gravidade da situação portuguesa com uma insustentação em que deixa transparecer os seus cuidados de patriota. Julio Pires, Anahory, acompanham-no habitualmente nas suas considerações, em que há a síntese do matematico, a dificuldade de exposição de quem está mais habituado a resolver problemas de algebra que a arguer períodos de prosa vazia. . . Só estes, os *habitues* da *Brasileira*? Por Deus, há mais, muitos mais, mas é que o espaço escasseia e o meu director, o dr. Joaquim Manso — tão frequentador do café que ainda ontem á tardinha, o surpreendi a fazer festas ao gato da casa. . . — pôde-se insurgir com a referencia, por longa em demasia.

O leitor vai-me acompanhar e descer na minha companhia, que não é de todo desagradável a despeito dos cinco miligramas de neurastenia que retenho para uso proprio, o Chiado e a rua Nova do Carmo. Enfiemos mesmo pela rua 1.ª de Dezembro e entremos

ter margens para marcar falhas na sua informação. . .

O velho *Martinho*, é conhecido pela gente moça de hoje, apenas de tradição. Mas veem-no com olhos de bom vêr. A sala antiquada, grosseira, tão grosseira como o café do Chiado que agora dá guarida aos intelectuais com marca da contrastaria e sem ela, com a sua ornamentação pobre, apelintrada, e os seus creados característicos, que o talento de uns quantos profissionais da pena, pregou com alfinetes á historia da nossa literatura nas derradeiras decadas do século morto. Estamos a vêr Magalhães Lima, Manuel Penteado, Gervasio Lobato, o proprio Eça, rodeados da gente das gazetas, das touradas, dos teatros e até das salas, abancados á volta das mezinhas, a gesticular, a fazer *blague*, a apreciar a politica e as mulheres que, num embiocamento tímido que já desapareceu, atravessavam a placa do Rocio, hoje tambem desaparecida, mercê da vereação paivaponesca. E sobre aqueles todos, como autêntico genio de café, dono e senhor do artigo a serio, do artigo de gracejo e do artigo de *blague*, o Fialho de Almeida, eternamente descontente e mal-humorado, a dar vazão á bilis, fazendo a análise realista de uma epoca que, quanto a ridiculo e a crime, de forma alguma pode fazer concorrência á nossa. Estamos a vê-lo, nós que nunca o conhecemos, a permutar *piadas* com o Gualdino Gomes — uma especie de Saúcho Pança desse D. Quixote da pena que, moído pelos anos, agora tenta, ás mezas da *Brasileira* do Chiado, continuar a tradição gloriosissima da *verve* falhesca. . . O *Martinho* devia ser assim. Devia, não. Era assim mesmo. E hoje? Hoje é uma sala grande, muito grande, aonde se bebe um pessimo café — o mais caro de Lisboa — e se atura o convívio de uma serie interminável de meninos bonitos das academias, que nos ensuam decem os ouvidos e fatigam os miolos, á força de devaneios literarios que accusam bem a acentuada curva de degenerescencia da raça. O *Martinho*, agora, é rico em frequencia mas pobre em mentalidade. E' uma cousa incharacteristica, que passa despercebida nesta Lisboa em que até se faz reparo no estalar de uma pulga. Morre, agonia. Dentro em pouco, sumir-se-ha na treva dos tempos, com os seus frequentadores inlectualmente treponemizados, inpotentes para a realização de qualquer cousa não de



grande, mas, ao menos, de mediana. O *Martinho* não é nada. O *Martinho* é um velho, desadorado a mais não poder ser, que se lembresse de pintar o cabelo, colar á queimada uma dentadura postica e garantir-nos, sobre compromisso de honra, que ainda está na casa dos vinte. . .

Leitor, estás fatigado? Eu concordo, mas (Vêr continuação na 16.ª pagina)

certos, fazendo tilintar espadas, enquanto procuram descobrir uma adaptação das leis da tática á solução dos problemas economicos-financeiros que tanto nos affigem. . . A *Brasileira* do Rocio, longe de ser um café é, antes, uma síntese da *paz armada* que, em Washington, agora tanto preocupou os pais civilizados. E essa *paz armada* tem, como é da logica, as suas soluções de continuidade, que são preenchidas por revoluções que, somadas, atingem na escala aritmetica um posto alto em demasia. . . De tarde, quando o *reporter*, falho de noticias nas circunstancias que acima apontamos, visita a *Brasileira*, raro é que a atmosfera não se corte á faca e o anúncio de tragedias não se faça de mesa para mesa. E' hoje? Sim. Não. Talvez. Foi adiado. Estas são as respostas do estilo e, quando o jornalista procura desvendar mistérios, encontra sempre um encolher de ombros e um *Fia-te na Virgem* quando, a tão enigmatica attitude, opõe um jogo fisionómico em que pretende pintar a incredulidade. . . A *Brasileira* é, enfim, o escaudouro de quantos concubulos se realisam nos quatro bairros da cidade. Mas, ao contrario da do Chiado, a do Rocio tem o seu chiquismo, a sua ba-laustrada em ferro fundido a fechar uma das vitrines e uma tabacaria elegante a ocupar a outra. Os seus revolucionarios, que tanto recebem inspiração á cidade, não chegam á centena, embora somados com exagero. E ha, entre eles, tipos curiosos. O interesseiro, o fat-natico, o energumeno. Noites a fio, metida no reconcavo que a sala abre á esquerda de quem entra, é certo ver a sr.ª D. Maria Arade, senhora de anos longos e carnes pesadas, predicar o seu radicalismo republicano, que deixa a perder de vista o dos revolucionarios varões. . . O resto, é gente conhecida. Os ultimos destroços da *formiga*, de agitada e proxima recordação, bailam naquele mar sem vaga, sujeitos ao acaso das revoluções. E regista-se desde o revolucionario classico, de cabeleira hirsuta, bigodes pendentes e capote alentejano lançada negativamente sobre os costados, até aquelle que mais conforme ás exigencias da moda, veste a *gabardine* com certo donaire e corta o buço á americana. Um café bem divertido. Mas basta de má lingua, que o *reporter* precisa de viver bem com todo o mundo, a fim de o director não

OS GRANDES DE PORTUGAL

ARTISTAS E ESCRIPTORES

PELO DESENHO E PELA PROSA
TRAÇAM-SE ALGUNS PERFIS

O Diário de Lisboa continua hoje a prestar a sua homenagem a alguns homens da nossa terra que muito valem e a quem o nome português muito deve. O facto de termos escolhido estes não representa menos conside-



Teófilo Braga

ração por aqueles que ainda hoje não têm lugar na página do Diário de Lisboa — que hão de ter também a sua consagração nos números especiais que a seguir publicaremos.

Teófilo Braga

Tem setenta e mais anos, mas continua incapaz de se curvar, perante qualquer idolo que não mostre ter o seu pedestal feito com os seis ou sete volumes do *Curso de Filosofia Positiva*.

A crítica representa para ele um complemento científico da má língua. Começou por ser um poeta, mas, como a inspiração lhe pareceu ser caprichosa e ilegalista, submeteu-a ao jugo da erudição e matou-a.

A sua *Visão dos Tempos* é um monumento enorme em que as emoções têm a vibração difícil dos fetos conservados em calda dos laboratórios. Quem a lê sente a pouco e pouco que a humanidade, á medida que progride, se converte em fóssil.

Estudou tudo e sobre tudo escreveu: gramática, estética, filosofia, arte, folk-lore, religiões, contos, direito, sociologia, história e



Alfredo Pimenta

economia. Nunca ninguém, em Portugal, trabalhou como ele. A sua *História da literatura* é uma construção gigantesca. Reuniu materiais preciosos que nem sempre conseguiu ani-

mar, dando-lhe a forma pulcra das criações do espírito.

As antipatias que votava a alguns dos seus contemporâneos estendeu-as até aos mortos. A Antero do Quental votou sempre um rancor frio, mas infatigável. Enquanto Teófilo evoluía para Comte, Antero interpretava Schopenhauer, oscilando entre o fatalismo obscuro da Vontade e a ascensão mística para Deus. Antero escreveu os *Sonetos*, que são a dor dum eremita que não acredita nos benefícios da solidão, e suicidou-se. Teófilo, sem religião nem metafísica, ha de chegar aos cem anos. Petrificou-se em ideias, vivendo como uma abstração. Na sua obra, a vida passa longínqua, sem rumor nem alegria. A erudição não gasta os nervos, carrega e aturde o cérebro. Por isso Teófilo, desde os vinte anos, é o mesmo homem — ou seja a imortalidade na monotonia.

Alfredo Pimenta

Sociólogo, jornalista, político, poeta, ensaísta, economista e filósofo. A sua actividade intelectual enche um reino. Detesta a banalidade e o lugar comum.

Quizera ser príncipe, rajá ou califa, mas a democracia da nossa época obriga-o a reinar só com a sua imaginação.

Leu um dia Oscar Wilde e desde então começou a cultivar o paradoxo, o artifício, as verdades remotas e aristocráticas e as mentiras espumosas como os bons licores.

Nos seus versos, não aceita a natureza, senão como um mau cenário que é necessário esquecer, pintando-lhe por cima paisagens de orquídeas, ciclâmens e gardenias. Ama o brilho enigmático das perolas. Os vultos das princesas palatinas, que a sua musa namora



Mario Beirão

e canta, aparecem-lhe em góticos varandins de palácio medieval.

Em torno de si, Alfredo Pimenta não tolera o simples perfume de um sentimento vulgar: exige estilizações em tudo, nas ideias, nos gestos e nas paixões.

A sua obra, para os seus inimigos, resume-se na ansia de um *snoob* que quer parecer um requintado artista; os seus amigos, que são muitos, vêem nele um transviado de alta linhagem, que só na estética encontra um pedaço do seu perdido senhorio.

As suas violências de linguagem como jornalista, deixam a impressão de que ele as emprega, com o intuito de acentuar bem que não receia elevar a voz, para que as suas convicções pareçam o mais naturais possível, mostrando que, neste particular, é contrário a estilizações.

Mario Beirão

E' de Beja — uma cidade alemtejana em que as pedras já viram as legiões romanas e os bandos velozes da cavalaria numida. Nos seus olhos, vivem saudades que já têm séculos.

Quem o encontra nas horas efêmeras em que o Chiado se enche de ruído e de graças pecadoras ou inocentes, imagina que o autor do *Ultimo Luziada* é um moço que passeia para escapar ao tormento de não ser como toda a gente.

Ninguém tem mais vida lírica, heroica, deslumbrante e sonhadora que este poeta elegiaco cujos passos lentos medem os oito séculos da nossa história. O Alemtejo vive todo na sua obra, como a luz do sol, nas frondes dum alto choupo, banhado pelos clarões de ascente e poente.

As suas evocações da planície, larga e desolada, que a lua, alta noite, povoa de visões de todas as idades, pertencem ao numero dos sortilégios e magias do nosso lirismo.

Com que suave misterio, ele acorda as vozes profundas que dormem numa simples urzel!

Os pastores, que são a sombra e a alma silente das solidões, transforma-os Mario Beirão em augures cuja sciencia rompe os segredos das coisas. Nas suas falas — rudes interjeições, cortadas por preces — existe o som grave e religioso das revelações que a terra, creada sob a inspiração de Deus, comunica aos seus inspirados.

Nos seus versos não há rumor nem estrondo de epítetos — o ritmo é tão suave, como o sonho, nos corações infantis. E quando rememora Alcacer-Kibir!

Num dos seus poemas, á maneira de chacara, sente-se que o moço Rei de Portugal, iluminado para a desventura, vai morrer levando na memoria os derradeiros acordes das guitarras gemedoras.

Entre os nossos poetas, nenhum é superior a Mario Beirão pelo sentimento terno, enlaçante, do drama duma raça que, antes e depois das batalhas, encara o amor como o unico premio do seu esforço sublime.

Sousa Pinto

E' um escritor em quem se descobre facilmente um transviado da Grecia de Pericles. Tem o culto da forma e das... formas.

No seu olhar tranquilo, com scintilações de fina malícia, há um fulgor pagão proprio de quem quizerá medir a beleza das coisas não com os seus braços, mas sim com os seus abraços. E, no entanto, Sousa Pinto, que já



Manuel Sousa Pinto

usou umas barbas cenobíticas, dá á primeira vista a impressão dum noviço que tem um terror panico dos inimigos da alma.

Como as aparências iludem! Esmera-se em vêr o orbe como um espectáculo de luxuria artistica, regido por um fauno. Na sua prosa, caprichosa pelo variado das construções e pela delicadesa dos arabescos, sente-se que lhe bateu em cheio o sol do Equador.

As tintas das suas paisagens mostram uma riqueza mais que de Rubens.

As imagens são realmente helenicas, pelo orgulho moço e florido do perfeito modelado. A febre amorosa que as abraça rescende essencias de floresta virgem.

Escreveu sobre o Brasil um livro que tras-borda de força juvenil.

Acusam-no de pouco imaginativo, mais descritivo e critico que emotivo. Afigura-se-nos antes que Sousa Pinto, cujo estilo se inunda de formosos adjectivos, como certos lagos de nenúfares, aplica ás criações da sua fantasia um rigor de observação que as não deixa vo-gar livremente, sem que obedeçam ao rigor pictural da sua arte.

Não é um romantico, mas sim um neo-classico que não tolera a desordem nem o tumulto nos seus livros. Tudo ordenado, mas rico de colorido. Os seus leitores, á medida que o lêem, familiarizam-se com ele e nunca mais dispensam a sua companhia. E' um guia certo para os vários corações incertos.

Malhóa

Conhece o mar, a paisagem, o sol, a côr, a alegria e a gente de Portugal. E' o mais luminoso guia do nosso mapa de côres pagas.

Homem forte, de bom sangue, rijo musculoso, vida e alegria, côr tostada de caminheiro infatigável, através da luz e da bruma, a sua arte fez-se a expressão eloquente, cantante, rumorosa, quasi gritante da sua força e do seu sentido calido da Beleza.

Dentro das suas telas, admira-se sempre a plenitude esplendida do solo, aliando-se com o homem para o exaltar no seu instincto ou no



José Malhóa

seu sentimento do pitoresco. Malhóa, cuja saudade se não comove, a não ser com as notas ardentes dos seus meios-dias do estio, desdenha a vida escura das ruelas sombrias e dos becos por onde o alcool e o vicio se entretêm a decompor, a putrefazer a campesina animalidade dos aldeões.

Não sente o fado, como expressão da alma da raça. Situa mais alto o seu culto de portugueses. Toda a sua obra de pintor, colorida até esgotar os variadissimos aspectos do nosso pitoresco, é uma especie de pomar onde se reconfortam as esmaecidas saudades do nosso tempo.

Braamcamp Freire

Educado, culto, de falas placidas, conceituoso, amigo do seu gabinete e rico das maravilhas do nosso passado que tem estudado com rara paciência de beneditino.

A sua obra é uma mina de informações e revelações, arrancando do nebuloso muitas figuras que a lenda ou o esquecimento haviam deformado ou obscurecido.

Tem o respeito religioso dos documentos que lê como os astrologos a lingua dos astros. Não os toma, porém, como um fim em si, porque os aproveita para reconstituir, com



Anselmo Braamcamp Freire

um aito amor lusiada, a vida perfeita das épocas em que Portugal foi mais alguma coisa que ruído e paixão obcecada.

Genealogista dos mais notáveis, é co-

OS GRANDES DE PORTUGAL

ARTISTAS E ESCRITORES

PELO DESENHO E PELA PROSA TRAÇAM-SE ALGUNS PERFIS

valiosíssima, a sua contribuição para esmiuçar e apurar a história dos braços e armas. Lançou-se também nos mares encapelados da política. Se escrevesse as suas memórias—e pena é que o não faça—dar-nos-hia algumas páginas da mais honesta verdade sobre os homens do seu tempo.

Imaginaram-no um ambicioso: era sómente um sincero.

A sinceridade do seu carácter, ainda que algumas vezes lhe fizesse passar sobre a sua bela cabeça ameaças de tempestade, ficará como uma das suas grandes virtudes.

Ferreira da Silva

Veio depois dos românticos, pouco disposto, portanto, a abraçar-se nas labaredas da Paixão que os largos gestos declamatórios ateavam, como as coleras de Eolo criavam procelas.

Muito em guarda também contra o teatro de intimidade em que as almas se confessam em doces murmúrios, resolveu tomar posição contra tudo o que fosse um dispendio de sensibilidade, mesmo sob a pele de Romeu ou de Otelo. O falso heroico encantou-o.

Os tipos em que a atitude e o gesto se concertam para imprimir à frase um fulgor rápido de ironia foram os seus proferidos. Poucos actores conheceram melhor a sua vocação e se lhe mantiveram mais fieis.

Todas as personagens—das muitas que se encontram em Molière, Augier, Dumas ou Galdoni—que vivam não pela dedicação a uma grande ideia ou sacrifício, mas por um



Ferreira da Silva

pitoresco ilegalismo de princípios e de conduta, Ferreira da Silva realiza-os com relevo imperecível.

No *Avarento*, por exemplo, Ferreira da Silva entrou, com pleno éxito, na grande psicologia dos caracteres humanos. Harpão apóu quem o definiu com o cru realismo duma interpretação que chega a ser implacável de revelações e minúcias.

Ferreira da Silva, que detesta o teatro de ideias e a retórica de cena, impõe-se pela verdade simples da sua arte—uma arte tão casada com o seu temperamento que, no palco, ele é bem o senhor dos seus gestos.

Correia de Oliveira

Foi zagalo apascentando o seu branco rebanho de quimeras, nas brandas colinas do Portugal bucólico. Algumas vezes se encontrou com o Pastor Peregrino de Rodrigues Lobo e com ele foi rememorando as histórias dos amores de que conservam memória as altas faixas. Viveu, depois, na cidade, largos anos: a sua tristeza impressionou todos os que julgavam que os poetas não podem profundar os enigmas do seu ser. Nos seus versos, escritos em quartos alugados—terceiros andares da Alta e da Baixa, tendo por cima uma breve facha de céu sem estrelas—ele interrogou-se longamente, escutando as vozes misteriosas das mil vidas enlaçadas na sua vida. Houve quem o não entendesse, preferindo a simplicidade candida e inocente da sua primeira musa. Correia d'Oliveira, porém,

apresentava-se claro como um espelho. Por que o não apreciavam? E' que o seu verbo vinha tão cheio de espiritualidade e de emoção que o banal sensualismo das salas, dos teatros, dos cafés, das redações e das acade-



Antonio Correia d'Oliveira

mias não o podia admirar, sem se renegar. Das evocações dos seus antepassados, ele passou facilmente às tentações de S. Frei Gil em quem reconheceu um aventureiro que, com a sciência satânica, se propunha descobrir o Cabo das Tromentas da Ambição humana. Embora um pouco tocado pela metafísica, deixou de ser um poeta para se transformar em vate. Esta derivação foi rápida. A Elegia portuguesa chamou-o a si. Era a Terra da Promissão. Nela vive hoje, em tão íntima aliança com a Terra e o Céu que os funde no mesmo canto, os confunde no mesmo ritmo de adoração.

Carlos Reis

E' um mestre retratista que possui como poucos o segredo de fixar as pessoas em gestos de harmonia. Não deforma nem exagera. Surpreende dos varios momentos duma alma os que traduzem mais movimento, harmonia e ritmo.

Dizem que não profunda os segredos dos retratados, pendendo para uma amável indulgência, ácerca das exteriorizações da sua intimidade. Não é exacto, não pode ser exacto. Carlos Reis procede simplesmente em acôrdo com o seu exuberante temperamento de artista, que ama a verdade como o maior relevo da beleza e a beleza como o esplendor da verdade.

As suas qualidades de colorista impressiono, com fins tons de bucólica, surpreendente, ás vezes, em telas de ar livre—retalhos de feiras e de paisagens, breves instantes de luz que beija flores e frutos—são notabilíssimos.



Carlos Reis

mas. Existe nele um dado romantismo, um clarão de poesia que deriva certamente da sua despreocupação de optimista.

O seu proprio tipo filia-o logo na família dos que não nasceram para as atitudes resi-

gnadas, os gestos de cansaço. Ainda hoje mostra o desempenho dum rapaz.

No seu contacto com a natureza, exprimiu sempre as suas impressões com tamanha limidez que mostra que a sua sensibilidade de-



Carlos Malheiro Dias

pura, afina, exalta e não turva nem confunde.

Malheiro Dias

Um nobre senhor das letras. De pequeno corpo, mas de grande espirito. Nos seus romances—*O Filho das Hervas*, *Teles de Albergaria* e *Paixão de Maria do Céu*—palpita uma sensibilidade, exasperadamente moderna, mas bem radicada no coração da raça.

A sua prosa imaginosa, colorida, movimentada como um arraial, variadíssima em recursos de estilo, honra a nossa língua. Algumas páginas dos seus livros, escaldantes de inspiração e verdade, foram escritas sem uma hesitação, num impeto irreprimevel de vida sem mancha.

Sobretudo, a primeira parte da *Paixão de Maria do Céu* recomenda-se por uma tão bela compreensão do que podemos chamar a *formação misteriosa dum destino* que os leitores chegam a ter a ilusão de que Malheiro Dias não observa, mas cria, obedecendo a um impulso natural da sua imaginação.

Posto que o teatro o tentasse, não o prendeu com o mesmo amor que o romance. A sua arte de paisagista, a sonoridade eloquente dos seus períodos, a sua maneira de criar atmosfera às suas figuras, mas principalmente a necessidade de não reduzir a acção aos efeitos passageiros e dispersivos do dialogo, desviou-o dum genero em que o autor tem de admitir sempre varias colaborações, nem sempre harmonicas.

Como cronista, um mestre.
Na polemica, um adversario lealissimo.



Roque Gameiro

No seu amor a Portugal, uma fé inquebrantavel.

Roque Gameiro

Quem não admira este prodigioso artista

que com fugazes tintas, rebeldes como apichos, chega a pintar o imponderavel? Não há noticia, entre nós, dum homem tão conhecedor do seu *metier*, da sua técnica extraordinária em recursos, sem formulas didaticas ou academicas, livre como o braço do sementeador.

E que rude trabalhador não é Roque Gameiro, mestre de aguarelistas!

Vimo-lo certa tarde—maravilha sem par dum poente sobre as costas de Portugal—celebrar as estranhas creações do nosso mar que incessantemente provoca a inspiração e o talento dos nossos pintores.

Em toda a sua pessoa havia um deslumbramento.

Os seus olhos vivos, scintilantes, traduziam um amor de poeta de que a sua obra é uma flôr de graça e encanto. As suas marinhas são estrofes liricas dum largo poema que trãs na mente.

Português de lei, em toda a sua pessoa, no seu vestuario, nos seus ombros largos, no seu riso franco, alarga até ao passado a sua arte.

As suas reconstituições dos nossos antigos costumes, a vibração das gentes que evoca, nos cáis da Descoberta, nos templos e nas ruas por onde se agitavam as multidões, em plena febre de heroismo, valem como testemunhas dum coração bem lusiada.

Brazão

Que prodigiosa galeria a das suas creações! Soberba figura de scena, gesto amplo, clássico, rutilo de harmonia, uma voz sonora



Eduardo Brazão

e cheia, apta para traduzir sentimentos nobres, dos que criam, num peito bem português, uma sinfonia heroica...

No teatro historico—uma das riquezas da nossa dramaturgia—tem encarnado os mais variados personagens: guerreiros dos que vêm, na sua espada e no seu esforço, uma lei da perfeição; amôrosos, jogando a vida e a felicidade, na conquista dum beijo; religiosos, curvando-se para o pó da terra para melhor verem Deus; caminheiros épicos, anciosos de beberem a ventura em qualquer ponto do orbe onde o nome de Portugal se haja engrandecido...

E' inteiramente impossivel apontar-lhe um desaire ou uma infelicidade, no seu labôr. Brazão é por instinto um grande, pondo em tudo a marca da sua grandeza. A sua acção pessoal fulgura.

Na alta comedia, põe uma distinção romantica que constitue sempre uma lição para as turbas que o admiram.

Arrojou-se a Shakespeare e venceu. O seu *Hamlet* é uma adivinhação quasi profetica.

Perfis de Titus

(Croquis de Almada Negreiros, Bernardo Marques, Amarelhe e Joaquim Guerreiro).

SÉDE DO "DIÁRIO DE LISBOA"

Rua Luz Soriano, 48

S. I. C.

Os melhores
chocolates, cacaus,
bonbons e drops

Pedir sempre os
chocolates

S. I. C.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lâmpadas de algibeira, bastões, lâmpadas, lanternas para fazer na mão, pilhas, baterias.

EFEITO SURPREENDENTE!

Descontos aos

revendedores

Remete-se para

a provincia

CASA TRIUNFO

R. Augusta, 72, 74

LISBOA



FRANCFORT HOTEL

Rocio, 30---LISBOA

140 quartos, modernizados e confortaveis. Especialmente recomendado para familias.

NOVAS INSTALAÇÕES DA

Empreza Internacional, L. da

Rua Augusta, 76, 1.º

TELEFONES, CENTRAL: 5052 E 346

TELEGRAMAS:---GALVANICA---LISBOA

Palace Hotel do Bussaco

INSTALAÇÃO DE LUXO COM TODO O CONFORTO MODERNO

O melhor hotel de Portugal e um dos melhores da Europa. Para informações e reserva de aposentos, em Lisboa: Hotel Metropole, Franfort Hotel e Hotel de l'Europe. No Porto: Grandes Armazens Nascimento.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação

entre Brasil e o norte da Europa

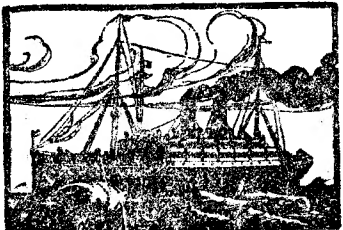
Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C.

LISBOA



PELAS PROVINCIAS

Em Almeirim
O Natal

ALMEIRIM, 12.—Uma comissão, composta pelos srs. administrador do concelho, Lucas Fernandes Clemente, dr. Guilherme Godinho, dr. Miguel Gonçalves, José Custodio Pereira e Luis Dionisio, está angariando donativos para um bode aos pobres deste concelho no dia do Natal.

«Ai valorem»

Em virtude das determinações superiores foi suspenso o imposto «ad valorem».

Extraordinariamente reuniu a camara para apreciar as consequências resultantes de tal medida, constatando-se a impossibilidade de satisfazer os seus presados encargos, se não for habilitada com as respectivas receitas. Seguiu para Lisboa com o seu delegado o sr. dr. Guilherme Godinho a fim de, em reunião conjunta com outras camaras do pais, ali defender os interesses deste municipio.

Instrução

O Nucleo Escolar deste concelho telegrafou ao sr. ministro da instrução pedindo a conservação das juntas escolares com as atribuições que até agora lhe competiam, habilitando-as com os meios necessários para mais cabalmente desempenharem as mesmas atribuições.

Professor

Tomou posse da escola da Charneca de Almeirim, como professora interina, a senhora D. Maria Gertrudes dos Santos Pessiguiro.

Varias noticias

O brioso official de infantaria n.º 16 e nosso presado amigo Antonio Manuel Baptista acaba de ser promovido a tenente.

Além da confirmação de um direito, constitui a sua promoção um galardão bem merecido, como o demonstrou em terras de Africa por ocasião da grande guerra, onde prestou os seus valiosos e patrióticos serviços.

As nossas felicitações.

Empregados do comercio

Reuniu a assembleia geral do nucleo de empregados do comercio para eleição do seu corpo directivo, o qual ficou constituído da seguinte forma: presidente, José Castanho Sá e Seixas; vice-presidente, Gonçalo João Duque; 1.º secretario, Armando Carvalho Carriho; 2.º secretario, Antonio Pinheiro Pereira; tesoureiro, Francisco Lourenço da Silva, e vogais Antonio Grazina e Joaquim Gomes Valente.

Em Matosinhos

A politica

MATOSINHOS, 12.—Enquanto a politica, continua tudo na mesma mansidão, esperando-se com mais interesse o barateamento da vida, que está insuportavel e que tem atingido preços exorbitantes, sem haver motivo para isso.

O frio

Após um medonho temporal, veio a calma, mas o frio tem sido medonho. Hoje está o dia um pouco nublado, fazendo crer que, com a mudança de luz, haja também mudança de tempo. Vamos ver o que se dará.

Os electricos

O serviço de electricos tem sido medonho, pior que carros puxados a bois. Para quem tem as suas profissões no Porto, tem ocasionado graves transtornos, pois que temos tido occasões de esperar um carro mais de uma hora. Em paga de tão bom serviço, ainda querem aumentar o preço das passagens, o que se torna um roubo e uma afronta ao povo.

Em Odemira
Companhia dramatica

ODEMIRA, 12.—Por estes dias deve aqui chegar uma companhia dramatica sob a direcção do actor Carlos de Sousa que vem dar nesta vila uma serie de espectaculos, a qual está agora trabalhando em Ourique.

Nascimento

Dou á luz uma criança do sexo masculino a sr. D. Catarina da Conceição Lopo Firmão da Costa, esposa do sr. dr. Manuel Firmão da Costa, facultativo municipal em São Teotónio, deste concelho, e ex-deputado; mãe e filho encontram-se bem.

Prisão

Foi preso e entregue ao poder judicial, por haver furtado 4 porcos, Francisco da Silva, de 18 anos, natural da freguezia de São Teotónio, deste concelho, e residente nesta vila.

A feira anual

No proximo dia 21 do corrente realiza-se nesta vila a feira anual de gado suíno, que costuma ser muito concorrida e se fazem grandes transações.

Transferencia

Foi transferida para a estação telegrapho-postal de São Teotónio, deste concelho, a encarregada da estação desta vila, sr. D. Catarina da Conceição Lopo.

O recenseamento

Os agentes recenseadores deste concelho já receberam as suas gratificações pelo serviço do recenseamento da população.

Em Vila Real

Uma sessão solene

VILA REAL, 12.—A União Artistica Vilaralense celebrou ontem a passagem do aniversario da sua fundação. Houve alvoroço, sessão solene e espectáculo de gala no Teatro Circo, que esteve muito concorrido.

Casamentos

Realizou-se o casamento da senhora D. Ana Rebelo de Queiroz, da Cumieira, com o sr. Antonio Joaquim Rebelo, comerciante do Porto.

Realizou-se o casamento da senhora D. Antonia Moreira de Carvalho com o sr. Joaquim Pinto da Nobrega, commerciante desta vila.

Correios e telegrafos

Parte do pessoal da estação dos correios e telegrafos tem tido conferencias com alguns delegados dos seus camaradas de Lisboa e Porto.

Abilio Aires

Concluiu no Porto o curso de engenharia o nosso conterraneo sr. Abilio da Silva Aires.

Julio Rei, Lt.ª

Ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Joalheria, Ourivesaria e Relojaria
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

LE COMMERCE INTERNATIONAL

D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L.ª
17, Largo da Biblioteca
LISBOA

Conservas et Vinhos

REPRESENTANTES
EM

BORDEAUX

PRAGA

BEYROUTH

ALEXANDRIA

PYREU

SALONICA

ANVERS

GENOVA

SMYRNA

A PRESTAÇÕES

Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á H Electro-Química, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

ENCANAMENTOS PARA ÁGUA E GAZ
CANDEIROS E LUSTRES PARA GAZ E ELECTRICIDADE
MATERIAL ELECTRICO E APARELHOS
PARA LABORATÓRIOS

LEITE & ALMEIDA

Escritório e depósito:

120, R. da Prata, 122

TELEPHONE N.º 3195

Officina: L. de Santa Marinha, 26

LISBOA

CARVÃO

CARDIFF das minas do almirantado

"Insole's Cymmer(Merthyr Smokeless)"

CIMENTO ALSEN

EM BARRIÇAS DE 180 QUILOS

SEMPRE EM ARMAZEM

Portuguese Corporation of Commerce Ltd.

Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 509
Londres—56, Ludgate Hill

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.ª

LISBOA

PORTO

Rua do Crucifixo, 49

246, Rua Mousinho da Silveira, 250

DAS 5 PARTES
DO
MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES
DO
MUNDO

A RESOLUÇÃO DE UM CONFLITO

LLOYD GEORGE
e as clausulas do
acordo anglo-irlandês

O deputado Samuel Hoare apresentou a rectificação do acordo na Camara dos Comuns

A delegação irlandesa desejava a paz

LONDRES, 15

A proposta de ratificação do acordo com a Irlanda foi apresentada na Camara dos Comuns por «sir» Samuel Hoare, unionista. Nela se congratula o rei pela reconciliação feita, para a qual ele tanto contribuiu. O deputado Hurnes, do partido trabalhista, deu a sua aprovação.

Lloyd George, discursando entre grandes ovações, disse que as clausulas do acordo tinham tido uma larga publicidade, provavelmente maior do que qualquer outro tratado, com excepção do de Versaillies. Na Inglaterra, nos domínios da Corôa e entre os aliados, o acordo tinha sido recebido não só com satisfação mas também com prazer e esperança no futuro. Disse que o acordo não poderia ter sido realizado se não tivesse existido entre todos os membros da delegação inglesa a maior harmonia. Por outro lado a delegação irlandesa desejava a paz e conseguiu o seu fim. O acordo representa para a Irlanda um «contrôle» completo sobre os seus negocios internos, sem a interferencia de qualquer parte do Imperio. — (R.)

As acusações de De Valera aos delegados

LONDRES, 15

De Valera, na reunião do «Dail Eireann», em Dublin, acusou os delegados do tratado anglo-irlandês de não terem informado suficientemente os seus colegas em Dublin, da marcha das negociações. Collins e Griffiths defenderam-se energicamente, dizendo que não tinham excedido os poderes que lhe tinham sido confiados. — (U. P.)

Lloyd George fala durante hora e meia

LONDRES, 15.

A proxima sessão do Parlamento foi fixada para 31 de Janeiro próximo. Lloyd George falou durante hora e meia na Camara dos Comuns, explicando que a liquidação do problema irlandês vinha aumentar e manter o prestigio do imperio.

O Parlamento do Ulster foi prorrogado para 21 de Fevereiro. — (R.)

A casa Krupp
e os navios do comercio

LONDRES, 15

A casa Krupp vai estabelecer uma sucursal em Rotterdam para construir navios de comercio. Essa sucursal terá o capital de duzentos milhões de florins. — (U. P.)

A fome na Russia

WASHINGTON, 15

A comissão dos negocios estrangeiros do Parlamento deu parecer favoravel ao donativo de vinte milhões de «dollars» destinado aos famintos da Russia. — (R.)

TELEFONES DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Redacção — C. 3194
Administração — C. 3195

O PAGAMENTO DAS REPARAÇÕES

A MORATORIA

--- E O ---

emprestimo do bilião de dollars

A opinião do ministro dos negocios estrangeiros francêses

Dir-se-ia que a imprensa britânica aproveitou a ausencia de Briand para lançar as mais desvairadas hipoteses e intenções quanto ás reparações. Com efeito, desde que Briand partiu para a America até que voltou, a imprensa francesa e inglesa invectivavam-se duramente, aquela acusando esta, e por ela a Inglaterra, de se decidir enfim claramente a optar pela Alemanha e a abandonar a França. Chegou a dizer-se que a Inglaterra estava já preparando um tratado com a Alemanha; a amizade entre os dois aliados não parecia senão a mais profunda antipatia, pronta a gerar em atritos de gravidade.

Um dos boatos, parece que podemos chamar-lhe assim, que a Inglaterra lançou até com bastante caracter official, foi o de que era necessario conceder á Alemanha uma moratoria. A opinião publica inglesa mostrava-se intransigente sobre esse ponto de vista. Era mais uma imposição do que um acordo, a forma como ela era proposta á opinião francesa. Esta impressionou-se vivamente. Houve quem negasse a necessidade da moratoria, houve quem a aceitasse, houve — e era esta opinião tão forte que parecia vir a ser a base do acordo — quem a aceitasse, mas só depois de efectuados os proximos pagamentos de Janeiro e Fevereiro.

Quando Briand desembarcou em França, os problemas que, mais preocupam esta, encontravam-se singularmente agravados. Mas a sua chegada automaticamente fez esfriar a grande excitação que reinava em torno deles. Até a «Depêche Maroquine», que tão gravemente ofendera os brios da Espanha, se apressou a publicar uma rectificação.

O ruído por causa da moratória caíra rapidamente. E o ministro francêses dos negocios estrangeiros, que actualmente se encontra em

Bruxélas, quando o interrogam acerca de moratoria, responde categoricamente que essa palavra, actualmente, é desconhecida em França. O que é para admirar é o silencio em que esta troca de opiniões se realizou. Depois do entusiasmo com que a imprensa britânica apresentou e defendeu a moratoria, era natural que acompanhasse as viagens de Loucheur e Rathenau a Londres, e as suas conversas com as altas individualidades britânicas, de comentarios vivos, que defendessem o seu primeiro ponto de vista. Mas as informações que dão a esse respeito estão muito pouco em relação com os termos fogosos em que primeiro se expressaram.

A viagem de Hugo Stinnes, apesar da sua alta envergadura economica, falhou. O grande industrial, partidario dos Hohenzollern, não conseguiu obter o grande empréstimo que desejava. Esse objectivo, temos todas as razões para o supôr, foi alcançado por Rathenau, ministro alemão que tantos serviços tem prestado á causa da paz e á sua Patria, fomentando a harmonia entre a França e a Alemanha, e contribuindo agora mesmo com a sua acção para conciliar os animos excitados com a moratoria.

A transformação da moratoria num empréstimo deve agradar sobremaneira á Alemanha, ainda que esse empréstimo fique sendo sancionado pelos rendimentos alfandegarios. Um bilião de «dollars» vai permitir á Alemanha não só pagar sem dificuldades as proximas prestações, mas effectivar larguissimas medidas de fomento. Não devemos ter duvidas de que a Alemanha aproveitará esse empréstimo de maneira que poderá pagar rapidamente os encargos e o capital e alcançar, no conceito das nações, um logar quasi tão importante como antes da guerra.

NOVAS DO PAÍS VIZINHO

UMA OCUPAÇÃO
de pontos estrategicos
pela columna Cabanellas

que é composta de 5 esquadões de cavalaria, 1 batalhão de infantaria de policia e de

artilharia de montanha e sapadores

MELILLA, 15

A columna do general Cabanellas saiu, em virtude de instruções recebidas, de Zaio, avançando por Sidi-Meliah e ocupando diversos pontos estrategicos. A columna levava cinco esquadões de cavalaria, um batalhão de infantaria, forças regulares de policia, artilharia de montanha, sapadores e serviços auxiliares, tendo atingido o seu objectivo ás nove horas da manhã. — (U. P.)

A produção de assucar

MADRID, 14

Segundo os numeros officiais que acabam de ser publicados pela direcção geral da alfandega, a produção do assucar espanhol desde 1 de julho até 31 de outubro foi de 8.837.846 quilos contra 24.022.732 no periodo correspondente de 1920, ou seja uma diminuição de 15.184.886 em 1921. — (R.)

O projecto sobre bancos

MADRID, 15

No Congresso foi aprovada a applicação da guilhotina ao projecto sobre bancos. Votaram com o governo duzentos e nove deputados conservadores, mauristas e regionalistas, e contra os liberais e democratas, abstendo-se de votar os alistas, reformistas, socialistas e republicanos. — (U. P.)

A viagem da rainha

MADRID, 15

Procedente da Andaluzia chegou a esta cidade a rainha Vitória, depois de ter percorrido naquela provincia todos os hospitais onde se encontram soldados feridos na campanha de Marrocos.

Foi-lhe feita uma grandiosa manifestação de simpatia á sua chegada a Madrid. — (R.)

EM ARMAZEM

Motores electricos
Dinamos
ANPERÓMETROS
E VOLTÍMETROS

Lampadas,
fios, cabos,
Etc., etc., etc.

John M. Sumner & Co.

Sucessor

JOSE J. TEIXEIRA
29-Avenida da Liberdade, 39
LISBOA

«DIÁRIO DE LISBOA»

O DIÁRIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya,

Empresa Tecnica Industrial,
Limitada

Rua Aurea, 292

TELEFONE: C. 854

ARMAZENS

Largo do Intendente, 38 e 39

Tel. Norte-134

OFICINAS

Travessa do Maldonado, 24

Tel. Norte-2058

Queiram pedir-nos orçamentos para:

Maquinas industriais (semi-fixas e locomoveis) «LANZ-MANNHEIM»,

Maquinas para trabalhar madeira «KIRCHNER»,
Motores a oleo, gaz pobre e gazolina: «GASMOTOREN-FABRIK DEUTZ»,

Maquinas ferramentas: «SCHUCHARDT & SCHÜTTE»,
Motores semi-Diesel: «GRANDE-MOTOR-WERKE»,

Maquinas electricas: «BERGMANN»,
Instalação de fabricas de massas alimenticias «WERNER & PFLEIDERER»,

De todas estas maquinas há sempre um grande numero
para entrega immediata nos nossos armazens

Varias locomoveis «LANZ», na Alfandega

DO CHIADO AO ROSSIO

UMA VIAGEM
PELOS CAFÉS DE LISBOAfeita por um redactor
do "Diário de Lisboa"

(Continuação da 11.ª página)

como há a necessidade de encher as quatro columnas que formam esta página, desculpa tanta loquela e completa o passeio. Vamos até à *Chave de Ouro*. Este café é recente, largou há pouco tempo a ama de leite. Nasceu pouco depois do 14 de Maio e, desde então, transformou-se no ponto de concentração de quantos hão hostilizado o democratismo indígena, hoje modestamente convertido em três iniciais: P. R. P. Aqui, todo o mundo é conservador. Olha-se com rancor a *Brasileira*, que dista uma centena de metros e, em noite em que se dê um açambarcamento de brometos, a irrequietude de nervos dos frequentadores das duas casas, gera algumas bengaladas que, em regra, constituem o prólogo da eclosão de um movimento revolucionário. Mas a *Chave de Ouro*, além de bastião de um conservantismo que nem sequer tem logrado conservar a integridade física do cidadão pacato, foi e é ainda, embora com uma intensidade bem mais reduzida, uma espécie de bolsa comercial. Durante a guerra, durante esse agitado período de negócios de espécie vária, era mais fácil vender duas sacas de arroz que beber um café. Quanto dinheiro não se ganhou, em lenhas, em trigos, em açucars! De dia, ganhavam-se os contos de réis. À noite, despejavam-nos no *tapis vert* das tavolagens que dão lustre às ruas centrais da capital. O *Chave de Ouro* merece a designação, como qualquer rapazito esturdiado, de promotor, ao contrário do *Itália* que, ali próximo, na rua 1.ª de Dezembro, firma uma reputação de pacatez, que atrai uma farta clientela de medrosos — a casa, também, está sempre cheia. O *Itália* é gracioso nas suas decorações cheias de frescura senão correctas ao menos admissíveis, e atrai pela sua higiene, pela luz a jorros, pela frequência que não tem o objectivo de salvar a nacionalidade, ao contrário da *Brasileira* e do *Chave de Ouro*, nem a literatura pátria, ao contrário do *Martinho*. O autor destas linhas, nas raras noites em que emigra para a Baixa, gosta de por lá passar. É dos poucos cafés em que aparecem mulheres não dessexualizadas pelo mercenarismo do seu amor e há a certeza de não encontrar, amigos de Peniche que nos solicitem a entrada no vigésimo comité de uma revolução que, pela quadragésima vez, esteja para vir para a rua. . .

Findou a nossa peregrinação, leitor amigo. Valeu a pena? Eu sei lá! Certo é que, pela enumeração dos defeitos, virtudes e características dos cafés vários que te fiz visitar, tu podes avaliar se eles encerram ou não, numa percentagem elevada ao exagero, o futuro, a marcha, deste povo que, depois de ter descoberto o Novo-Mundo, arrasta a sua indolência de pessoa exgotada por essas salas de estar que, em análise última, dão bem a idéa dos tempos pelintros que atravessamos.

L. Consiglieri Sá Pereira

(Desenhos de Bernardo Marques)

"Amor de Perdição"

O ultimo dia do famoso "film",
completo, no cinema Condes

A estreia de ontem no Condes, a chistosa farsa *Charlot e o guarda-chuva*, constituiu mais um soberbo exito do extraordinario comico, autentica fabrica de gargalhadas a que nem o mais sisudo ou o mais neurastenico poderia resistir. Repete-se hoje a nova produção do impagavel Charlot que tantas simpatias conta no publico de todo o mundo.

E' bom tambem saber-se que o «film» completo do *Amor de Perdição*, essa autentica maravilha da cinematografia nacional, dá hoje as suas despedidas, sendo este o ultimo dia em que é exibido no Condes, para ceder o lugar a novas e sensacionais estreias. Na proxima segunda-feira, *soirée* dedicada ás crianças.

Stranger's Casino

No elegante ponto de reunião da linha de Cascais, Stranger's Casino, fez ontem a sua apresentação a distinta bailarina Nieves Mimosa, que foi extraordinariamente aplaudida. A conhecida «estrela» do bailado apresenta-se amanhã novamente em alguns numeros que devem despertar a maior sensação.

UM MAU QUARTO DE HORA POLITICO

Devido á pressão revolucionaria,
parece que o sr. Cunha Leal desistirá de formar ministerio

Consta que o sr. Peres Trancoso será o chefe do futuro Governo

A situação politica tem-se complicado de tal forma, nas ultimas quarenta e oito horas, devido ás forças ocultas do regime, que nos vemos forçados a substituir o optimismo com que encaramos a situação Cunha Leal, por um pessimismo que nos é imposto pelos acontecimentos. Assim, sabemos que o comité revolucionario que funciona no ministerio do interior, apoiado nas forças de terra e mar que colaboraram no movimento de Outubro, deliberou opôr-se por todos os meios a que o sr. Cunha Leal, no caso de conseguir formar governo, tome posse.

Essa resolução é apoiada por um outro comité dissidente do *outubrismo*, que parece funcionar no Governo Civil, circulando nos meios revolucionarios, quatro nomes, que aceitariam para tomar conta do poder, em dadas condições: — Domingos Pereira, Julio Martins, Peres Trancoso e Mesquita Carvalho. Os dois primeiros não se encontram na disposição de colaborar com o *outubrismo* e o ultimo não tem todos os elementos a seu lado, razão porque apenas fica em campo o ex-ministro das finanças, que já deu conta aos insurgentes da Rotunda, da sua aquiescencia.

Porque razão é que as forças militares do *outubrismo* não querem ver o sr. Cunha Leal no poder? Segundo os nossos informes, os elementos de marinha argumentam com a attitudede daquele parlamentar durante a *noite sangrenta*, enquanto que os da G. N. R. e do exercito invocam os termos, em que ele apresentou no ministerio da guerra o seu pedido de demissão.

Funcionarios aposentados

Foram aposentados o 1.º official da secretaria dos negocios indigenas de Moçambique, sr. Agostinho Loureiro e o funcionario da policia civica de Lourenço Marques, sr. Jacinto da Silva.

No emtanto, o sr. Cunha Leal, durante todo o dia de hoje, prosseguiu activamente nas suas *démarches*, no sentido de constituir governo. Assim, convidou para a pasta dos Estrangeiros, o sr. dr. Trindade Coelho, que não aceitou. Para as Finanças e para a Instrução obteve a aquiescencia dos srs. Vitorino Guimarães e Ruy Teles Palhinha.

Às 17 horas terminou a reunião dos directores, que teve lugar na *Luta*, e a que assistiu o sr. Cunha Leal. Os partidos mostraram-se dispostos a dar-lhe todo o apoio, contando com que hoje, á noite, tenha ministerio constituido. Mas a verdade é que a impressão geral é a de que o sr. Cunha Leal, perante a hostilidade manifesta dos elementos *outubristas*, que continuam a deter em suas mãos a força militar, vê-se-há obrigado a depôr o seu mandato nas mãos do venerando Chefe do Estado, a quem muito tem afligido tão lamentaveis complicações.

Os revolucionarios na presidencia da Republica

Ao fecharmos o jornal, somos informados de que uma comissão de «outubristas» procurou o sr. presidente da Republica, indicando-lhe o nome do sr. dr. Mesquita Carvalho para presidente do futuro governo. Particularmente, sabemos que o grosso das forças revolucionarias continúa a não concordar com a ida da-quele politico ao poder.

UNIVERSIDADE POPULAR PORTUGUESA

Vai ser inaugurada a 5.ª secção desta Universidade Popular, junto do Sindicato das Classes Metalurgicas, na rua da Esperança, 204, 2.ª.

A 1.ª série de conferencias será feita pelo professor Ferreira de Macedo que dissertará sobre «As grandes invenções e descobertas scientificas».

Mais de cinco mil pessoas foram já habilitar-se
para os 600 contos do Natalao Pina
A CASA MAIS FELIZ DE LISBOAPedidos a Costa, Limitada
75, RUA DE S. PAULO, 77

TEL. 3.486-C. LISBOA

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

COLISEU DOS RECREIOS

Telef. C. 4196 Hoje — ás 20,45 (8 3/4) — Hoje

ESTREIA

dos notaveis e extraordinarios excentricos

Loupe and Ladies

Enorme successo da grande atracção mundial,
o simpatico mutilado da guerra

PAUL STERHENS

Os magnificos jongleurs excentricos

LOS FREMAS

Grande exito dos sensacionais numeros

O duplo turbilhão humano

Novidades japonesas

O melhor e mais barato espectáculo de Lisboa

HOTEL de l'EUROPE LISBOA

INSTALAÇÕES MODELAES

Apartements com Sala de Banho, W. C. e Salão—Primoroso serviço de cozinha

A direcção participa aos seus Ex.ªs clientes que já funciona o elevador deste hotel

NO TERREIRO DE PAÇO

O INCIDENTE
DE ONTEM NA ARCADEAentre os srs. Fiadeiro
e Gomes Figueira

Vai fazer-se uma sindicancia

Segundo consta, vai ser concedida uma licença ao sr. dr. José da Silva Fiadeiro, chefe de repartição e director geral interino da administração politica e civil, até ser liquidado o seu incidente com o 1.º official sr. Gonçalo Figueira. A fim de proceder a uma sindicancia áquele caso, foi convidado o juiz de investigação criminal em Setubal, sr. dr. Miguel Homem de Sampaio é Melo.

ALEM-MAR

Uma ponte metalica sobre o rio
Quionga

Foi aprovada a quantia de 5.500\$00 para a montagem e instalação da ponte metalica sobre o rio Quionga, em Lucala-Samba-Cajú.

Vai ser construido em Benguela um edificio destinado a morgue e autopsias, que foi orçado em doze contos.

Foi balisado o rio Mucuti (Moçambique).

Duas nomeações

Foi nomeado chefe de secção tecnica da repartição superior de saude de Angola, o medico sr. Assunção Veloso.

Foi nomeado o capitão de engenharia sr. Virgilio Lemos para engenheiro subalterno das obras publicas de Moçambique.

CAMBIOS

DIA 15

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	62\$000	64\$500
1 Londres, cheque	4 5/8	4 1/2
90 d. v.	4 3/4	—
Rio 1 Londres	—	—
1 Paris	1\$000	1\$025
1 Itália	\$578	\$593
1 Bélgica	\$967	\$994
1 Suíça	2\$410	2\$475
1 Espanha	1\$867	1\$920
1 Berlim	\$070	\$075
1 Holanda	4\$500	4\$630
1 Nova-York	12\$496	12\$750
Austria	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2	—
Portugal	7 1/2	—
Agio do ouro	1\$150	1\$250

COTAÇÕES ESTRANGEIRAS

Madrid 1 Paris	—
1 Londres	27,79
1 Nova-York	—
1 Berlim	3,75
Paris 1 Londres	51,79
1 Madrid	—
1 Genebra	—
1 Berlim	—
Londres 1 Paris	51,85
1 Roma	89,87 1/2
1 Nova-York	4,18 25
1 Berlim	740
1 Amsterdam	11,520
1 Genebra	21,53
1 Bruxelas	—
1 Austria	—
1 Suécia	—
1 Noruega	—

NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 14

Cotação do café, 20\$300; Cambio 1 Londres, 7 1/2 e 7 9/16; valor do escudo português, 630 e 690 réis.—(A).

Sociedade Portuguesa
de Administrações

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL (Autorizado 5:000 contos
(Emitido... 1:000)

SÉDE -- C. do Sacramento, 14, 1.º

Delegação no Porto

PINTO & SOTTO MAIOR — P. da Liberdade, 28

Agente Geral no BRAZIL

Banco Portuguez do Brazil

Encarrega-se da compra e venda de predios rusticos e urbanos; de rendas; de recebimentos de heranças e legados; do pagamento de impostos; da compra e venda de papeis de crédito; da cobrança de foros, tanto em Portugal como nas colonias, restantes países da Europa e no Brazil.